

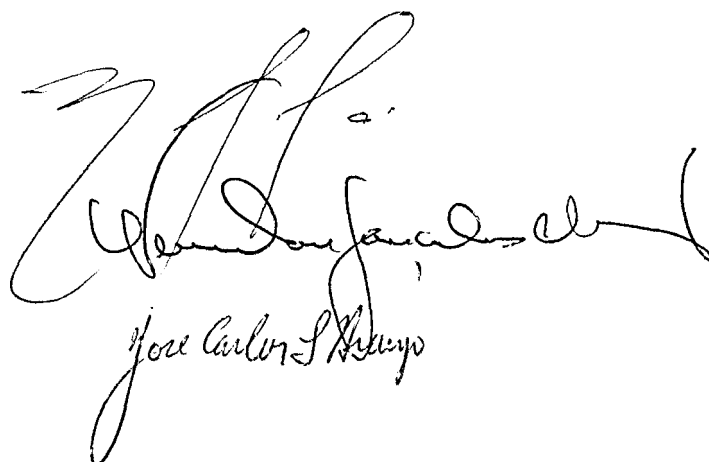
342.779.6

2391 a.

155/2004

**ANTULHO ROSA PEDROSO**

**A EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO NOTURNO E O ALUNO  
TRABALHADOR: COMO LIDAR?**

  
Jose Carlos S. Augusto

DIRBI - UFU MON 00390/97



1000176118

**UBERLÂNDIA - M.G.**

**1996**

**ANTULHO ROSA PEDROSO**

**A EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO NOTURNO E O ALUNO  
TRABALHADOR: COMO LIDAR?**

Dissertação apresentada ao Programa de  
Mestrado em Educação Brasileira da  
Universidade Federal de Uberlândia,  
como pré-requisito para obtenção do  
grau de Mestre, sob orientação do Prof.  
Dr. Wenceslau Gonçalves Neto.

**UBERLÂNDIA - M.G.**

**1996**

## *Dedicatória*

*“O corpo não é a expressão única e objetivamente concreta de uma matéria bruta, mas sim, o reflexo do que sou.”*

*(Antônio Chizotti - 09/12/1994)*

*Ao meu pai, Avelino Rosa Pedroso e à minha mãe, Manuela Almeida Pires, in memoriam.*

*À minha esposa, Laís, que nunca deixou de me incentivar nesta empreitada.*

*Aos meus filhos, Fábio e Henrique, que sem o saber ajudam-me a entender melhor o ser humano e a mim em particular.*

*À Isabel Cristina Pedroso e Avelino Ronaldo Pedroso que partiram antes da hora.*

## *Agradecimentos*

*Aos colegas:*

*Paulo Marcos, Solange, Ana, Lúcia e em especial a Jussara pela ajuda permanente.*

*À Direção das Escolas Estaduais de Uberlândia, bem como aos professores e estudantes que colaboraram neste trabalho.*

*Ao professor Apolônio Abadio do Carmo que foi um ponto de referência na minha formação intelectual.*

*Ao professor Doutor Antônio Chizotti por compreender e saber lidar com minhas limitações.*

*Ao professor Doutor Wenceslau Gonçalves Neto pela orientação segura e competente.*

*Aos Docentes do Departamento de Educação Física e Esportes da Universidade Federal de Uberlândia pela força e incentivo.*

*A Elizabeth (Bete), Maria, Dila, Eliane, Edson e Chico pelo incentivo, pela ajuda, mas sobretudo pela amizade de tantos anos.*

## RESUMO

O sistema educacional brasileiro apresenta problemas similares tanto no ensino diurno quanto no noturno. Todavia, no ensino noturno ao que tudo indica as dificuldades são bem maiores. Apenas para exemplificar, no ensino noturno a escola recebe na sua maioria alunos que necessitam trabalhar para ajudar em casa. Esta fato inerente na sua grande parte ao ensino noturno já merece estudos. Assim sendo, buscou-se compreender como é a prática pedagógica - bem como conhecer as opiniões dos envolvidos no processo - da Educação Física no noturno considerando o aluno-trabalhador. Estabeleceu-se, assim, visitas às escolas com o objetivo de conhecer melhor a realidade via professores e alunos. Os dados foram colhidos através de questionários, de conversas informais e da observação do dia a dia do profissional. Foram escolhidas três escolas públicas da rede estadual na cidade de Uberlândia, M.G., para realizar a pesquisa, sendo uma escola central, uma escola intermediária e uma da periferia. As séries escolhidas para a coleta de dados foram as 5ª séries, onde normalmente são iniciadas a prática da Educação Física.

A análise dos dados colhidos sugere um desconhecimento por parte do profissional em Educação Física ao lidar com o aluno-trabalhador.

O trabalho enquanto fenômeno humano não interfere na prática pedagógica deste profissional, tanto no planejamento geral, quanto no conteúdo ministrado, isto é, a ligação da escola com o mundo do trabalho do aluno não acontece.

## ABSTRACT

The Brazilian educational system should have similar problems in both nocturnal and diurnal turns. However, in the nocturnal education these problems are much more complex and difficult to be solved. Nocturnal schools receive students whose majority must work to help the home budget. Consequently, these students have less time and vigor to dedicate to the didactic activities than the diurnal students. This work investigates the pedagogical practice of the physical education related to working-students of public nocturnal schools. Three schools from the state network of Minas Gerais, Brazil, were chosen to be visited and observed, where informal surveys and questionnaires were undertaken to verify the relationship between teachers and students.

The results suggest a lack of appropriate knowledge and refinement among teachers dealing with their working-students while proposing and planning general activities.

The link between the school and work environment of these students does not take place.

## ANEXOS

<b>1. QUESTIONÁRIO DO ALUNO .....</b>	<b>79</b>
<b>2. QUESTIONÁRIO DO PROFESSOR .....</b>	<b>84</b>
<b>3. A LEGISLAÇÃO BRASILEIRA SOBRE A EDUCAÇÃO FÍSICA ..</b>	<b>90</b>

## SUMÁRIO

<b>DEDICATÓRIA</b> .....	ii
<b>AGRADECIMENTOS</b> .....	iii
<b>RESUMO</b> .....	iv
<b>ABSTRACT</b> .....	v
<b>ANEXOS</b> .....	vi
<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	08
<b>CAPÍTULO I</b> <b>A EDUCAÇÃO FÍSICA E O ENSINO NOTURNO</b> .....	15
<b>CAPÍTULO II</b> <b>A ESCOLA COMO AGENTE DE POLÍTICA DO CORPO</b> .....	26
<b>CAPÍTULO III</b> <b>O CORPO-TRABALHO NA SOCIEDADE CAPITALISTA</b> .....	35
<b>CAPÍTULO IV</b> <b>OBSERVAÇÕES METODOLÓGICAS</b> .....	45
<b>CAPÍTULO V</b> <b>COLETA DE DADOS E ANÁLISE DOS RESULTADOS</b> .....	48
<b>1. PRIMEIRO CONTATO COM OS ALUNOS DA ESCOLA</b> <b>INTERMEDIÁRIA</b> .....	48
<b>2. SEGUNDO CONTATO COM ALUNOS E PROFESSORES NA</b> <b>ESCOLA INTERMEDIÁRIA</b> .....	50
<b>ESCLARECIMENTOS NECESSÁRIOS</b> .....	57
<b>3. TERCEIRO CONTATO: EXTENSÃO DO EXPERIMENTO:</b> .....	59
<b>3.1. ANÁLISE DOS DADOS REFERENTE AOS ALUNOS</b> .....	59
<b>4. EXTENSÃO DO EXPERIMENTO:</b> .....	66
<b>4.1. ANÁLISE DOS DADOS REFERENTE AOS PROFESSORES</b> ..	66
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	71
<b>BIBLIOGRAFIA</b> .....	75



## INTRODUÇÃO

A educação é questionada, analisada e discutida, sob vários aspectos. Neste sentido, qualquer trabalho a realizar terá que necessariamente tecer análises, considerações e questionamentos que efetivamente traga questões similares, identificadas por levantamentos e estudos realizados nesta área. Tendo presente este fato, é difícil, especificamente, no tema aqui proposto, não se revelar alguns posicionamentos semelhantes em outros trabalhos realizados.

A problemática do processo educacional como um todo, está presente na Educação Física e no ensino por ela praticado. O sistema educacional brasileiro tem características próprias, advindas da sua forma de organização e estruturação. Tais características tendem a refletir uma concepção com forte respaldo no positivismo, expondo um tipo de concepção de mundo, no qual a realidade aparece de maneira não problemática, ressaltando-se o caráter científico e a medida estatística, bem como separando fatos de valores, conhecimento de interesse.

DURKHEIM (1990)<sup>1</sup>, por exemplo, ao analisar os fatos sociais como coisas, está transplantando da natureza para os seres humanos, para as pessoas, os mesmos procedimentos utilizados para conhecê-la. Para este autor, tanto fatos que ocorrem na natureza quanto os fatos que acontecem na sociedade podem ser mensurados, medidos, classificados, controlados; e este tipo de prática científica, de buscar o conhecimento, de apossar-se dele, está presente no sistema educacional. Pesa-se, mede-se e quantifica-se a realidade que só será legitimada institucionalmente desde que obedeça a estes pressupostos.

Sob outro aspecto, a concepção positivista é determinista e pressupõe segundo SARUP (1980)<sup>2</sup> uma visão passiva do homem. Ora, a ciência nesta linha

---

<sup>1</sup> A esse respeito recomendamos a leitura do livro "As regras do método sociológico", onde o autor busca explicitar com mais clareza seu método.

<sup>2</sup> Sobre esta questão sugere-se a leitura do livro "Marxismo e Educação", onde o autor critica o positivismo e abre caminho para uma melhor compreensão entre o pensamento marxista e a educação.

de raciocínio possui obviamente este mesmo caráter determinista. Numa perspectiva positivista, a história seria como uma tábua rasa, onde os acontecimentos pudessem ser previstos e logicamente controlados. Esta concepção positivista de interpretar a realidade está ligada à sociedade capitalista na qual vivemos. Neste tipo de sistema, duas categorias compõem todo o modo de se organizar, de viver - o capital e o trabalho. O capital detém os meios de produção, o trabalho a mão de obra que as pessoas vendem aos que detém os meios de produção. No modo de produção capitalista, vislumbra-se dois tipos de trabalho - o manual e o intelectual. O intelectual, dedicado à formulação das idéias é privilégio quase exclusivo de quem pode se dispensar do trabalho manual, que, na verdade, são de forma direta ou indireta, são os detentores dos meios de produção existentes. O trabalho manual, dedica-se à produção propriamente dita e requer um grande esforço físico, corporal. A dicotomia entre o trabalho manual e intelectual, entre a teoria e prática, perpetua a supremacia do trabalho intelectual sobre o trabalho manual e da teoria sobre a prática.

Este dualismo ainda repercute com intensidade na educação e conseqüentemente na escola neste país. É ilusão achar que a escola é neutra ao que acontece, ao que se passa na sociedade. A escola resulta desta sociedade e se organiza, portanto, tal e qual se organizam outras instituições, como família, religião, etc. Neste sentido, a escola reflete a dicotomia entre trabalho manual e intelectual, entre teoria e prática.

E a Educação Física? De que forma é afetada por esta divisão? Sua prática pedagógica revela a dissociação entre teoria e prática? De que forma o profissional de Educação Física lida com o aluno, e de modo especial, o aluno noturno, submetido pelo trabalho manual a duras condições o dia todo? Será que o aluno tem dificuldade em lidar com o seu próprio corpo, exaurido pela intensidade do esforço dispendido no trabalho diurno? Estas indagações remetem a uma estrutura social pautada na expropriação, na exploração do homem pelo

homem, na fome e na miséria humana, do viver humano; uma sociedade permeada por desigualdades e injustiças sociais profundas.

O objetivo deste trabalho é analisar como o profissional em Educação Física lida com o aluno que trabalha, como trata o binômio trabalho-corpo e de como lida com estas categorias no desenvolvimento de sua prática pedagógica. Apesar de entendermos que as questões levantadas dizem respeito tanto ao ensino diurno como ao ensino noturno, optou-se pelo ensino noturno por entender que o mesmo tem algumas especificidades que o diurno não tem. O fato de ser à noite, é um deles; um outro, prende-se ao fator tempo, isto é, o fato de as pessoas trabalharem oito horas por dia. Outra especificidade seria a grande percentagem de alunos com disparidade de idade, crianças de dez e onze anos, convivendo com adultos de vinte, trinta anos. E por fim, a questão da facultatividade do fazer ou não as aulas de Educação Física no ensino noturno, isto é, a legislação autoriza a dispensa da Educação Física, por exemplo, da mulher com prole e alunos que comprovem trabalhar durante o dia. Como o profissional de Educação Física lida com estas questões? Que conhecimentos, enfim, deve ter o profissional no trato com estas características?

Minha preocupação foi sendo construída aos poucos, tendo como elementos que a fomentaram, uma vivência de mais de dez anos numa escola de 1º grau. O contexto escolar no qual trabalhei também era permeado por estas condições. A Educação Física era vista por colegas professores de outras áreas, como uma atividade que está ligada ao trabalho manual, ao esforço físico extenuante, ao cansaço, etc. Na Educação Física, no entender destas pessoas, não era, ou não é trabalhado o conhecimento, a cultura. O objeto de estudo nesta perspectiva seria tão somente o corpo tendo o exercício corporal como um fim em si mesmo. O intelecto, a consciência, a sensibilidade, a alma, ficariam como que à margem do processo educativo na prática da Educação Física. Como se fosse possível o dualismo, a dicotomia entre corpo e espírito, entre teoria e prática.

Às matérias teóricas - Matemática, Português, História, Geografia - caberia, nesta perspectiva, o papel de formar o intelecto, a inteligência, enfim passar o conhecimento ao ser humano. À Educação Física restaria a missão de sempre estar "ajudando" no processo educativo, fazendo o papel de coadjuvante e de figurante nesta estrutura.

Se, no entanto, descortina-se o véu que encobre a consciência e acorda-se para a realidade, isto é, abandona-se o senso comum, observa-se que tanto as disciplinas ditas teóricas quanto a Educação Física são importantes dentro do Sistema Educacional. O que quero frisar aqui é que o profissional de Educação Física deve desmistificar o dualismo, a dicotomia que norteia à sua prática e que, para tanto, este profissional vislumbre criticamente o que realmente ocorre a sua volta. Tive a oportunidade de realizar um trabalho de pesquisa que, na verdade, se constituiu num primeiro ensaio no qual detectou-se por parte dos profissionais uma tendência a ter um conhecimento de senso comum da realidade que os cercam, sem que no entanto viessem a ter consciência disso. Mesmo sabendo que as semelhanças entre o ensino diurno e o noturno são muitas, decidi-me, na época, pelo ensino noturno, porque no ensino noturno os fenômenos aparecem com uma complexidade e com uma nitidez impressionantes. As questões sociais, pessoais, afloram com intensidade em todos os instantes da vida escolar. Mediante os resultados colhidos nesta pesquisa pudemos perceber que o profissional de Educação Física não leva em conta ao elaborar seu planejamento as condições específicas dos alunos. E neste item (planejamento) os alunos praticamente não participam, isto é, numa perspectiva de uma construção, de uma elaboração coletiva do processo.

Os determinantes sociais e econômicos, que influem decisivamente na formação do ser humano não são abordados. Um outro aspecto a ressaltar é de que este profissional não trata o ensino da Educação Física enquanto um ato político, a ponte de ligação entre a política e a educação não é trabalhada e,

portanto, não é realizada. As investidas sobre o corpo, a expropriação deste e a relação com os determinantes sócio-econômicos não são considerados.

Na verdade, pode-se inferir que falta ao profissional de Educação Física um embasamento filosófico e sociológico, que é um aspecto relevante da formação docente.

Estas considerações levaram-me a delimitar a preocupação em torno de como o profissional de Educação Física, no ensino noturno, lida com a questão do aluno-trabalhador. Mesmo tendo conhecimento de uma literatura publicada a respeito do ensino da Educação Física, como por exemplo BRACHT (1992), VARGAS (1990), FARIA JR. (1987), constatou-se todavia que em relação à mesma no ensino noturno os estudos, as publicações são praticamente inexistentes. A literatura que trata do ensino noturno enfoca invariavelmente as questões gerais que permeiam a educação, a saber: evasão, repetência, fracasso escolar, etc. Neste sentido, a grande maioria dos trabalhos, das pesquisas que envolvem a Educação Física foram ou são realizados no ensino diurno.

Tendo uma vivência como professor no ensino diurno, concentrei-me nesta modalidade de ensino durante mais de dez anos na Escola de Educação Básica de 1º grau da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Neste contexto, foi que, aos poucos, fui moldando uma análise crítica da minha prática educativa. No início de minha vida acadêmica a prática pedagógica se resumia mais em desenvolver um conteúdo "livresco", isto é, tudo o que continha no livro era transportado para a prática (e somente para a prática), tal e qual. Um praticismo exacerbado norteava todo o meu trabalho.

O fosso que separava a teoria da prática era imenso e eu não compreendia este fenômeno, mesmo porque não tinha consciência disso.

Naquela prática o conhecimento da realidade e da área de atuação espelhava o senso comum. Conseqüentemente, o fruto do trabalho realizado se destinava a manter o "status quo" e evidentemente o processo hegemônico da classe dominante.

A formação intelectual em nível filosófico, sociológico e antropológico colaborava para que sob dois aspectos eu permanecesse no fundo da caverna usando a alegoria platônica - sem nunca ter, pelo menos, a curiosidade em ver o que se encontrava, o que se passava do lado de fora da mesma.

Um dos reflexos desta prática, dizia respeito ao fato de que a junção entre teoria e prática não era feita. Como consequência, as aulas eram, na sua quase totalidade, práticas. A tênue parte teórica era destinada às regras, atitudes e comportamentos que os alunos tinham que ter para desenvolver o conteúdo. O segundo aspecto se prendia ao fato de que não era realizada uma ligação entre o conhecimento veiculado com a realidade que o aluno vivia.

O processo de mudança começou a se dar a partir do momento em que senti a necessidade de fazer curso de pós-graduação.

Assim, comecei a conhecer uma realidade que desconhecia. Envolvi-me nos estudos, buscando aprofundar o entendimento acerca da prática que desenvolvia, evidenciando uma superação da situação em que se encontrava a Educação Física. Finalmente, tinha conseguido sair da caverna e uma realidade, difícil de lidar, surgia ante meus olhos, mas era uma compreensão consciente. A partir de questões como: valorização da Educação Física e sua legitimação social, os limites epistemológicos que a permeavam, a busca de um corpo de conhecimentos novos - eram fenômenos debatidos e discutidos com uma certa frequência. Ainda hoje as questões acima citadas são alvo de discussões, de debates, seminários e encontros especificamente no contexto escolar. Particularmente, sentia que a visão que meus colegas professores, assim como a própria sociedade tinham e ainda têm sobre a Educação Física é a de que a mesma mantém uma estreita relação com o trabalho manual, como já dissemos anteriormente. Isto é, ela lida com "atividades" corporais e não com o intelecto e muito menos com o conhecimento. Daí a grande dificuldade em acabar com a pseudo discussão entre teoria e prática, e daí o caráter eminentemente prático atribuído a esta área do conhecimento.

Para situar melhor a problemática em questão, julgo, pois, necessário tecer algumas considerações no intuito de ajudar na compreensão sobre a instituição escola.

Neste sentido, tentarei focalizar minhas colocações, tendo como objetivo de análise, especificamente o contexto escolar.

No capítulo I busco ir de encontro ao tema proposto situando a Educação Física no contexto escolar, principalmente da década de 80 até os dias atuais e chegando até na questão do ensino noturno e do aluno-trabalhador no contexto escolar. A seguir, procuro discutir acerca do papel da escola na sociedade bem como do poder que a mesma tem na questão da disciplinarização do corpo através de normas e condutas pré-estabelecidas, onde a Educação Física acaba por atuar de forma concisa no processo das investidas sobre o corpo e coloco os pressupostos pelos quais julgo o que seria o ponto de partida para o entendimento do seu objeto de estudo. Prosseguindo, tento aprofundar na discussão sobre o binômio corpo-trabalho na sociedade capitalista, contextualizando a exploração do corpo do trabalhador no trabalho, a dicotomia entre trabalho manual e intelectual e entre a teoria e prática no âmbito da Educação Física. Posteriormente, descrevo o método no qual o estudo será realizado. Finalmente, apresento a coleta de dados com as respectivas análises dos dados colhidos e as considerações finais onde tento apontar alguns caminhos para a Educação Física no ensino noturno.

Em anexo constam os questionários aplicados e a legislação que rege a Educação Física tanto no ensino diurno quanto no noturno.

## CAPÍTULO I

### A EDUCAÇÃO FÍSICA E O ENSINO NOTURNO

A Educação Física foi introduzida no Brasil no início da década de vinte, trazida pelo exército brasileiro com o nome de Ginástica (regulamento nº 7, método francês), e cujo objetivo era o de preparar os soldados fisicamente para a batalha, enfim para suportar a própria atividade física. O nome Educação Física só foi homologado a partir da década de quarenta. Da época de Vargas (1930 - Estado Novo) até 1961 a Educação Física serviu como instrumento de assepsia corporal, de higiene, de saúde.

Com o golpe de 64 foi instaurada no país uma disseminação do Esporte Competição, enfim, iniciou-se um processo de esportivização do país. O lema do "Brasil Grande" foi estendido ao esporte, daí sua rápida proliferação. Produzir o mito, o herói, o campeão, era uma forma de, simbolicamente, passar a idéia de que ninguém segurava este país. O esporte foi utilizado até o final da década de 70 e início da década de 80 como instrumento ideológico na formação do homem e a prática da Educação Física corroborava tal fato. Uma prática voltada mais para a formação de atletas de alto nível do que propriamente para o desenvolvimento equilibrado e digno do ser humano.

Todavia no início da década de 80, surge uma corrente na Educação Física Brasileira, influenciada pela discussão da Educação Nacional, denunciando uma crise de identidade pela qual passa esta área do conhecimento.

Diversas críticas são feitas à Educação Física, sendo a mais significativa a de não ter ela conseguido construir um corpo de conhecimento que fundamentasse a sua prática pedagógica, justificando-a dentro do contexto escolar.



Fica evidenciado também que, sendo a Educação Física uma prática pedagógica que tem como objetivo de estudo o humano, traz na sua trajetória histórica influências marcantes da formação militar e esportiva que contribuem para que ela não se desenvolva por princípios e objetivos próprios. Assim, era natural encontrar atuando nas escolas uma grande maioria de docentes buscando atingir estes objetivos. Apesar das mudanças que ocorrem na década de 80, ainda hoje, sente-se a grande influência dos mesmos nas concepções de ensino da Educação Física

Neste contexto, o ensino da Educação Física em todos os graus de ensino era tido e ainda o é, como mera prática de atividades esportivas e corporais, desenvolvido de forma mecânica, repetitiva, acrítica e desvinculada de qualquer reflexão e compromisso com a Educação.

Identifica-se ainda nos dias de hoje, uma concepção de ensino-aprendizagem na Educação Física, essencialmente centrada no professor, seguidora e reprodutora do sistema esportivo, com metodologia fundamentada no treinamento e aperfeiçoamento de gestos e técnicas esportivas, além de, por exemplo, não considerar o trabalho; na sua prática pedagógica. O corpo do aluno é tido como um objeto a ser melhorado em seu rendimento, reforçando assim a manutenção da tendência domesticadora de corpos.

Manifesta-se também nesta concepção, a ausência do lazer e da ludicidade via aula de Educação Física.

Com relação ao conteúdo programático, sua transmissão se dá de forma autoritária, com um produto acabado, estruturado na prática esportiva, seguindo um modelo único: o esporte competitivo. Uma prática esportiva, determinada pela obediência e respeito às leis, que segue o regulamento, prevalecendo o individualismo, visando a vitória e permitindo a exploração do forte sobre o mais fraco.

É importante também lembrar que todas as disciplinas componentes do currículo escolar possuem um conhecimento sistematizado, com objetivos e

instrumentalização delimitados, para propiciar ao aluno aquisição e acesso ao saber, mas, na Educação Física não se tem esta clareza. O mesmo conteúdo, "o mesmo procedimento de ensino" e os mesmos "objetivos propostos são desenvolvidos por alunos de diferentes séries e diferentes vivências e experiências nesta disciplina". Portanto, a importância que o professor e a Administração Escolar dão ao planejamento e ao conteúdo programático se limita apenas ao cumprimento de exigências burocráticas e legais, reforçando a visão da Educação Física como mero apêndice da Educação Escolar.

Constata-se também que a Educação Física, enquanto disciplina curricular, é considerada apenas como prática de atividades, e estas atividades estão subordinadas à disponibilidade de local, recursos materiais e condições climáticas. Se a escola não possui local adequado, bolas, e se chove, isenta-se o professor e o aluno da ação pedagógica, "matando" o tempo destinado à aula, com qualquer outro tipo de atividade.

É importante, ainda, ressaltar a visão que os docentes da área têm mostrado, através de sua ação pedagógica, do caráter político-social e pedagógico da Educação e, conseqüentemente, da Educação Física. Resistem em superar a idéia de que nas aulas não se deve falar, sentar e discutir com os alunos temas sobre o corpo, sobre o trabalho ou seja, do que fazem diariamente. Negam o seu compromisso frente a Educação, sob o argumento de que os alunos não gostam e que aula de Educação Física deve ser "prática", contribuindo para a formação acrítica dos mesmos .

Na realidade muito se tem questionado a Educação Física, o esporte e da sua utilidade nas escolas, mas pouco se tem feito para que ocorram mudanças com relação à sua concepção, suas metodologias e aos valores à que tradicionalmente estiveram e ainda estão vinculados.

Apesar de ser duramente criticada, começou em nível nacional um grande movimento para reverter a posição desta disciplina no ensino formal, organizado por um grupo de estudiosos da Educação Física de diferentes tendências

pedagógicas. Vários intelectuais já se preocuparam com estas questões, elaborando trabalhos e pesquisas que, pelo observado, têm passado totalmente despercebidos ou não chegaram, ainda, aos professores da rede escolar.

Algumas alterações já ocorreram. Mas ao que parece, até os dias atuais, nenhuma das tendências existentes deu conta, ainda, de instigar profissionais das escolas a eleger, para sua prática, uma perspectiva que dê conta de realizar mudanças necessárias à Educação Física, no âmbito escolar.

Estruturar um programa para qualquer disciplina e selecionar conteúdos é um problema metodológico básico, pois é aí que se explicita a natureza do pensamento teórico que se pretende desenvolver com o aluno. Como se carece de um referencial teórico que sustente a prática, fica-se sem critérios para determinar o que, por que e como ensinar.

Nota-se que o 1º grau, onde os domínios da aprendizagem aparecem com mais clareza, tem como componente prioritário o desenvolvimento dos domínios motores associados aos domínios cognitivos e afetivos. Neste sentido, pouco se tem avançado com relação à educação do movimento, podendo considerar que as atividades propostas pela Educação Física têm estado distantes das reais necessidades individuais e coletivas da maioria dos alunos, tanto do ensino diurno quanto do noturno.

Não se faz, como já dissemos, uma ponte entre o que é ensinado na escola noturna com o mundo do trabalho do aluno. Os problemas, as questões estruturais permeiam tanto o ensino diurno quanto o noturno, mas como diz CAPORALINI (1991, p.20):

**“Não se pode deixar de levar em considerações, no entanto que, tendo sua origem nas insuficiências estruturais da sociedade Brasileira, os problemas que atingem tão profundamente o ensino de 1º grau como um todo afetam ainda com mais intensidade os cursos noturnos”.**

O trabalho é, sem dúvida, a categoria essencial para que possamos compreender melhor o ensino noturno. Segundo COSTA (1992, p. 599)

**“O ensino noturno desde o seu surgimento, que data dos anos 40, no Brasil, foi explicitamente ‘reservado’ ao trabalhador que estuda”.**

Com efeito, existem vários trabalhos e pesquisas que tratam do ensino noturno no Brasil. São trabalhos realizados no intuito de compreender, entender com mais profundidade sobre a forma, a estrutura, a organização, enfim, de como se dá, de como funciona o ensino noturno e quais são as dificuldades enfrentadas no que diz respeito à sua prática político-pedagógica nas diversas áreas do conhecimento que compõe a grade curricular neste contexto.

Uma das características básicas deste ensino reside exatamente no fato de que é noturno. Aulas à noite implicam muita das vezes numa clientela que foge aos padrões estabelecidos - como, por exemplo, no ensino diurno - onde os alunos na sua grande maioria cursam determinada série com a mesma faixa etária. Sob este aspecto o ensino noturno se diferencia, se levamos em conta que esta característica do ensino diurno se constitui o oposto do ensino noturno, onde muita das vezes a faixa etária no ensino não contempla a exigência de que naquela série o aluno deve ter idade correspondente. Assim sendo, nas primeiras séries do primeiro grau observam-se pessoas adultas frequentando-as. Este quadro na verdade é extensivo à praticamente todas as séries do primeiro grau (OLIVEIRA, 1986).

Uma outra característica do ensino noturno é a de que muitos alunos ou sua grande maioria, se ocupam com um trabalho diário (diferindo do ensino diurno, onde a maioria não trabalha). Tais características, tais peculiaridades do ensino noturno não o afastam dos problemas estruturais e organizacionais que permeiam também o ensino diurno. As questões didático-pedagógicas, políticas e filosóficas estão presentes tanto no ensino diurno quanto no noturno.

A competência técnica, assim como o comportamento político (MELLO, 1986) no tocante ao professorado, também são questões tratadas tanto num quanto no outro. No entanto, como nosso interesse recai sobre o ensino noturno citaremos, a título de ilustração algumas variáveis encontradas, por exemplo, numa pesquisa realizada por OLIVEIRA (1986) - haja visto que trabalhos específicos sobre a prática político-pedagógica do professor de Educação Física no ensino noturno são praticamente inexistente na escola noturna em Uberlândia, Minas Gerais, onde são reveladas algumas características, quais sejam:

- a) altas taxas de evasão;
- b) semelhança da população que estuda à noite no que diz respeito ao nível social econômico;
- c) descaso por parte das autoridades do ensino noturno;
- d) deficiência no processo ensino-aprendizagem.

Especificamente, no caso do ensino noturno e a Educação Física, os profissionais da área pouco ou quase nada tratam da metodologia, da didática, do conteúdo, da avaliação etc. As especificidades do ensino noturno não são abordadas com profundidade, como se estudar de dia e à noite fossem a mesma coisa, quando a realidade não é assim.

A quase totalidade dos autores que tratam das questões da Educação Física escolar abordam o ensino diurno e remetem suas análises a este período do ensino escolar. Embora, sob muitos aspectos, possa-se fazer ilações sobre o ensino noturno, é necessário considerar que há questões específicas sobre o conteúdo e a prática pedagógica do período noturno que não são analisadas. A literatura sobre a Educação Física escolar é crescente, mas parcimoniosa quando se trata, especificamente, desta disciplina no período noturno.

BRACHT (1992) por exemplo, vê a Educação Física no contexto escolar enquanto aprendizagem social, isto é, trata esta disciplina e logicamente do conteúdo disseminado por ela como um campo de vivência social, que poderia se

constituir num exercício de contra-hegemonia, contribuição para as mudanças necessárias.

SOARES *et alii* (1992) aborda a questão metodológica na escola, onde faz reflexões sobre se a Educação Física deve continuar apontando para a aptidão física ou refletir acerca da corporeidade e, obviamente, trata sobre a questão da organização do conhecimento e a forma de abordá-lo.

FARIA JR. (1987), por sua vez, aborda a didática na Educação Física, enfocando prioritariamente as técnicas para seleção, formulação e enunciado de objetos do ensino de Educação Física, essenciais a todo e qualquer tipo de planejamento.

BETTI (1991) contextualiza a Educação Física na nossa sociedade, primeiramente resgatando sua história e posteriormente como se deu sua inserção no contexto escolar.

Outros estudos, outras obras tratam especificamente do conteúdo ministrado, relacionado ao jogo, à ginástica e ao esporte de forma global.

Todavia, a maioria, quiçá a totalidade destas publicações, abordam sobre a prática pedagógica da Educação Física, de forma geral como já mencionamos anteriormente, voltadas para o ensino noturno.

É evidente que estudos e trabalhos relativos ao ensino noturno existem SGUISSARDI *et alii* (1992, p.37-38), numa pesquisa diagnóstica, abordam a questão da qualidade do ensino para os alunos trabalhadores como condição primeira de democratização da escola pública e questionam o porquê da escola ignorar a categoria trabalho e a condição de trabalhador do aluno afirmando que :

**“a discriminação do trabalhador e a separação da escola em relação ao mundo do trabalho são revelados inegavelmente ao analisar qualquer aspecto da organização político-administrativa e das atividades escolares (...)”**.

Com efeito,

**“a estrutura e os conteúdos curriculares continuam sendo concebidos e organizados para não trabalhadores...”.**

Já um outro estudo feito por MORAES (1987) trata dos cursos noturnos de 2º e 3º graus, realizados com a educação do trabalhador. Neste caso, os alunos já são preparados, seja através de um curso profissionalizante ou de um diploma para ingressarem no mercado de trabalho.

CARVALHO (1981, p.13 e 44) aborda o ensino noturno a fundo na questão da evasão, do fracasso escolar e da repetência através de dados concretos fornecidos pelas escolas. Segundo a autora formulando uma hipótese:

**“O curso noturno auxilia a despolitizar, ocupando todo o tempo disponível do aluno, ao reprová-lo, faz o aluno introjetar o fracasso escolar como falta pessoal, sem discutir as condições próprias e atuais desse período. Ainda como o estudante não reivindica no trabalho porque acha que ganha pouco por ainda estar estudando, na escola não reivindica, porque reconhece que trabalhando não cumprir exatamente as obrigações escolares”.**

Analisa a autora que

**“Os alunos saem da escola sem uma qualificação específica, mas preparados para aprenderem no processo produtivo e para aceitarem uma colocação inferior na hierarquia salarial, pois frequentaram cursos fracos e terão salários fracos. Mas ao mesmo tempo, continuam estudando porque acreditam que é a partir da escolarização que poderão conseguir um futuro melhor”.**

Por sua vez, CAPORALINI (1991, p.77) fala da transmissão do conhecimento no ensino noturno, descrevendo no dia a dia de uma escola a visão de professores e alunos, buscando entender o alto grau de evasão, repetência e fracasso escolar. Segundo a autora, na sua quase maioria o aluno

**“Quase sempre chega à escola cansado, em virtude de um dia de trabalho, além das tensões cotidianas provindas dos transportes,**

**das agitações dos ambientes urbanos, de problemas familiares de toda ordem e, não raras vezes, com as energias reduzidas em razão de uma alimentação deficiente”.**

O fato dos conteúdos curriculares serem criados para não trabalhadores talvez seja uma das razões que expliquem o alto grau de evasão, repetência e fracasso escolar. RIBEIRO (1992, p.20) em sua dissertação de mestrado diz que:

**“... a desconexão homem-mundo, isto é, a dicotomia sujeito-objeto caracterizam o processo de ensino-aprendizagem na escola diurna. Junto com isso, uma dissociação entre existência e significação aparece claramente na elaboração curricular escolar oficial”.**

A autora deixa entrever que o fenômeno da evasão e da repetência está ligado intimamente ao fato de que a escola ao ministrar os conteúdos das disciplinas não faz nenhuma ou quase nenhuma ligação com o mundo do trabalho deste aluno.

Já GUIMARÃES (1990, p.16) também em sua dissertação de mestrado, trata da questão do aluno trabalhador e das possibilidades de mudança no conteúdo escolar através de uma política que efetivamente forme um aluno crítico e transformador da realidade. Assim como em outras regiões do Brasil, o aluno do ensino-noturno da cidade de Uberlândia/MG, segundo a autora:

**“guarda semelhanças com os demais alunos noturnos das inúmeras escolas públicas do país. Ele enfrenta problemas comuns àqueles que conciliam necessidade de trabalhar e vontade de estudar”.**

Independentemente do trabalho que é realizado, em qualquer lugar do país, isto é, se a pessoa trabalha numa fábrica, numa indústria ou em qualquer outro tipo de trabalho temporário, o ensino noturno como diz GUIMARÃES (1990, p.18) é para:

**“atender aquele que precisa trabalhar para sobreviver e que, para isto, faz uso do horário do dia, restando à escola, o período da noite”.**



O trato com o aluno noturno deve ser voltado para o mundo do aluno trabalhador para que este possa compreender e se situar na realidade onde vive, isto é, o indivíduo como um ser concreto e não como um ser abstrato.

A esse respeito nos diz SGUISSARDI (1992):

**“A discriminação do trabalhador e a separação da escola em relação no mundo do trabalho são revelados inegavelmente ao analisar-se qualquer aspecto da organização político-administrativa e das atividades escolares: direção, conselhos da escola e de classes, localização das escolas, suas condições física e materiais, qualificação e rotatividade da direção e normas disciplinares e formas de avaliação, da mais forçável ‘expulsão’ de trabalhadores, no conhecido processo de seletividade escolar”** (p. 37).

Será que em função deste quadro o profissional de Educação Física altera sua prática pedagógica, isto é, a forma de avaliar, o conteúdo a ser ministrado? Será que este profissional tem claro para si que as estruturas curriculares continuam sendo concebidas e organizadas para não trabalhadores? Aqui, novamente, retornamos ao problema levantado, isto é, como o profissional desta área lida com este fenômeno e se ele considera a questão do aluno trabalhador. O conceito de trabalho e suas implicações na prática pedagógica do professor de Educação Física é algo que se deve compreender e dar a devida importância ao elaborar o conteúdo, as atividades, enfim, planejar.

O ser humano através do trabalho como diz GUIMARÃES (1990, p.22):

**“cria e recria a sua vida material, o que acontece através do trabalho, enquanto atividade mediadora entre o homem e a natureza. Pensando assim ele guarda em si a capacidade de transformar a realidade; como trabalhador, é o protagonista de uma atividade capaz de evidenciar-lhe a humanidade”**.

Como diz Marx, é no e pelo trabalho que o ser humano se reconhece e se situa no mundo. E o que é a história humana, senão a própria produção do homem mediante o trabalho humano?

Será que a escola noturna não poderia colocar tais discussões para o aluno trabalhador e em especial a Educação Física? No nosso entender é no seio da escola que se dá a crítica do senso comum, ou seja, a passagem de uma visão de sua própria concepção de mundo, buscando interferir na sua realidade. Para isso torna-se necessário que a Educação Física se legitime socialmente através de uma prática pedagógica que “faça sentido” para o aluno do noturno. Como afirma RIBEIRO (1992, p. 79), em sugestão dos alunos:

**“que de vez em quando, possa conversar sobre sua vida profissional seu mundo do trabalho, sua luta pela sobrevivência, suas preocupações de assalariado”.**

Como pudemos observar, a literatura que trata do ensino noturno, de uma forma ou de outra, traz à tona questões relativas a qualificação/desqualificação do trabalho, trabalho manual e trabalho intelectual, evasão, repetência e fracasso escolar além de constatar que a escola não faz ligação alguma com o mundo do trabalho do aluno trabalhador.

A literatura deixa uma ampla área de pesquisa aberta à investigação. No intuito de identificar algumas características e iniciar uma análise dos problemas mais evidentes sobre o ensino da Educação Física, no período noturno, este trabalho orientou-se para um estudo exploratório das práticas pedagógicas da Educação Física no ensino noturno em Uberlândia.

## CAPÍTULO II

### A ESCOLA COMO AGENTE DE POLÍTICA DO CORPO

A Escola existe com a precípua função de transmitir conhecimento acumulado pelo homem. Mas, não se restringe à atividade meramente transmissiva. Ela extrapola esta função reprodutora do saber acumulado, criando novos conhecimentos.

Sob a ótica meramente transmissiva, a função da escola seria socializar um conhecimento produzido por uma sociedade determinada, privilegiando a reprodução e mantendo e/ou perpetuando esta sociedade. Esta reprodução se dá, também, via disciplinarização do corpo, como submissão às exigências do trabalho, às imposições normativas das empresas, obediência aos cânones hierárquicos da divisão do trabalho etc. Como a Educação Física escolar trata o conhecimento acumulado sobre as virtualidades corporais e as exigências sócio-políticas que envolvem o corpo disciplinado?

Esta é uma das interrogações explicitadas no transcorrer de nossas colocações como suportes norteadores da análise pretendida acerca da escola e de sua estreita relação com e para o sistema. Não se pretende historiar a instituição escola desde sua gestação, pois que, no momento, não é objetivo deste trabalho.

Assim sendo, buscar-se-á analisar a estrutura organizacional e funcional bem como a hierarquia inerentes à esta instituição, tentando paralelamente analisá-la com a estrutura organizacional, funcional e hierárquica do sistema vigente. Ao estabelecer este paralelo, ficará mais fácil compreender o papel da escola, principalmente no objeto de nossa análise, qual seja, o de vislumbrar a escola também como um agente que põe em prática uma política do corpo e a submissão ao trabalho.

Neste século, mais do que nunca, a política e o poder sobre o corpo é clara e explícita. Os mecanismos de controle, via regras, normas, atitudes e comportamentos pré-estabelecidos nas fábricas, nas indústrias ou em instituições legitimadas pela sociedade nos dão uma idéia da dimensão do que ocorre.

A escola, fazendo parte das instituições legitimadas socialmente, espalha e cumpre o seu papel. É ingenuidade crer que a instituição escola está à margem do que acontece na sociedade. A neutralidade pedagógica e científica, que ainda permeia o discurso no interior da escola, não existe, é um mito. É necessário desmistificar este chavão. A escola de certa forma cumpriu e cumpre sua função. Atende a uma estrutura social e, como tal, a espelha. Tal estrutura social diz respeito às condições hierárquicas e organizacionais embutidas no seu interior. A Educação Física, como área do conhecimento, no seio desta instituição também tem sua parcela de colaboração, e de certa forma, mais contundente, na elaboração e afirmação de uma política de controle do corpo. Tentaremos aprofundar um pouco mais esta questão.

No que tange à estrutura funcional da escola, há uma semelhança estreita com uma fábrica. Funcionalmente, todos os empregados estão situados em seus espaços, com funções pré estabelecidas, com normas e regras a serem cumpridas (hora de chegada, de saída, tempo para executar determinadas tarefas etc), com gestos e movimentos que se tornam mecânicos face ao número exorbitante de repetições que realizam a todo momento, toda a hora e todo dia. Ora, assim sendo, pode-se inferir que tal aspecto estrutural se assemelha sobremaneira a uma indústria, ou seja, apenas as funções variam, a essência é a mesma. Já hierarquicamente, dentro de seu cronograma estrutural, que vai da direção ao funcionário da empresa, todos, sem exceção, cumprem a hierarquia pré estabelecida; uns mandam, outros obedecem. Há no entanto um consenso nesta questão, qual seja o de que o objetivo de todos, indistintamente, é que a escola produza bons alunos etc. Fazendo uma analogia com o esporte-competição, a escola busca também o resultado melhor, a performance do aluno (a escola

também quer ser a primeira, quer subir no pódio da competência, formando alunos de 1º nível para a sociedade).

No sistema capitalista, resguardadas as devidas diferenças entre uma instituição e outra, em que diferem os fins e os objetivos de uma escola e de uma fábrica?

A escola além de preparar para o trabalho, para o sistema produtivo, também adentra e dociliza o modo de ser do trabalhador; a fábrica utiliza o produto deste trabalho pronto e acabado, tal como o sistema deseja, para em função dele acumular mais capital. Eis aqui onde se fundem os objetivos e os fins da escola e da fábrica na sociedade capitalista.

A desmistificação da escola e de sua aparente neutralidade diante do paradigma econômico vigente começa a ser percebida. A escola forma o ser humano para o mundo do trabalho, num discurso onde enaltece que o trabalho é a redenção do homem, que é o que de mais valor possui. Só que o sistema capitalista além de utilizar a força do trabalho deste ser humano em benefício próprio, também o paga mal e o assiste pior ainda.

De que forma se educa um ser humano? Pode-se educá-lo sob dois aspectos: primeiro é o de que esta pessoa vai aprender intelectualmente, num nível que requer um constante uso do pensar, do raciocinar, do deduzir; já o segundo aspecto, paralelamente ao primeiro, que é o de pensar, raciocinar diz respeito a que o corpo físico se adapte, se molde a nível de cumprimento de normas, regras, e comportamento ao que o intelecto mandar realizar. O corpo físico neste sentido não seria escravo da mente? O corpo físico age em função deste ou daquele modo mediante o pensar e raciocinar acerca do mundo. Será que não é por isso que a escola confere tamanha importância ao intelectual, ao pensar, ao raciocinar? Tais questionamentos trazem à tona a questão do dualismo corpo-mente, principalmente em se tratando da Educação Física, que, pelo próprio nome, sugere um trabalho com mais ênfase na questão da corporeidade, do físico, enfim do corpo do indivíduo. Ora, tal constatação, a de que pode se

privilegiar a mente ou o corpo separadamente, exigindo mais de um do que do outro soa como um embuste. Não existe uma atividade eminentemente intelectualizada que não use o corpo, assim como não existe uma atividade puramente corporal na qual não se exija o pensar, o raciocinar. O ser humano é um ser indivisível não há como separá-lo.

A escola no entanto termina por realizar esta separação, onde no seu interior se privilegiam as atividades de sala de aula tidas como intelectuais e mais importantes, em detrimento das atividades consideradas como de lazer, recreação e esportivas onde somente o corpo se destaca. Tais atividades são relegadas a planos secundários, já que a escola quer formar seres humanos que raciocinam e pensam, e a Educação Física não faz parte das matérias que ajudam a concretizar tais objetivos. Daí que a Educação Física nas escolas é tida como apêndice, como marginal ao processo escolar; a Educação Física é tida como disciplinadora do corpo, através dos jogos, da competição e do lazer. Ora, a escola, de uma certa forma, atua como disciplinadora de corpos ao exigir o cumprimento de normas, regras e comportamentos pré-estabelecidos independente das aulas de Educação Física.

Quando as regras e as normas não permitem que os alunos corram no corredor, falem dentro das salas, permaneçam numa só posição durante um longo tempo no interior das salas de aulas, aliás, praticamente não permite nenhum tipo de manifestação no recinto de sala de aula, obviamente que o controle do corpo está mais do que claro. Fica patente, pois, que a escola também colabora na padronização de comportamentos, docilizando e perpetuando a subserviência corporal. Não é, pois, um privilégio da Educação Física. As fábricas, o comércio, a indústria desejam, de preferência, trabalhadores que rendam muito, que produzam muito e que, acima de tudo, sejam subservientes e dóceis. Com um pouco de ousadia e atrevimento, será que nós não estamos vivendo numa grande prisão, como diz Foucault, onde os corpos necessariamente têm de ser dóceis e

subservientes, enfim, domados, para executarem sem questionamento o que lhe mandam?

Numa perspectiva filosófica da corporeidade, o corpo dos alunos seria um incômodo para a escola, justamente pelo fato de que a escola enfatiza o desenvolvimento intelectual, lógico, racional em detrimento do corpo físico. O sistema, assim como a escola, objetiva um tipo de ser humano e, para tanto, utiliza de mecanismos que permitam alcançá-lo. Não é possível negar, entretanto, o fato de que a escola, mesmo se constituindo em um dos agentes de política do corpo, não deixa também de ser um importante agente disseminador de conhecimento. Mesmo constatando que a escola é um dos instrumentos de controle do corpo não se pode deixar de salientar que esta mesma escola, de uma forma ou de outra, transmite conhecimento, conhecimento este acumulado pelo homem historicamente, além de conhecimentos novos.

As investidas sobre o corpo do trabalhador tornam-se a cada dia, mais fortes, mais completas e a escola faz parte destas investidas como instrumento de controle.

O dualismo de Descartes, como já dissemos, se materializa no contexto escolar. A escola, mesmo querendo dar ênfase ao intelectual também pratica controle sobre o corpo, via regras, normas e condutas pré-estabelecidas.

Em função destas considerações, cremos agora ser possível levantar alguns questionamentos que norteiam nossa preocupação no que diz respeito à relevância da questão e que já foram citados anteriormente.

Especificamente, no ensino noturno quais seriam os mecanismos que a escola e a Educação Física e, logicamente, o profissional que lida com ela, utilizam em seu processo de ensino-aprendizagem para disseminar (consciente ou inconscientemente?) e perpetuar a obediência, a subserviência, a docilidade, a alienação e a castração nos alunos, tendo o fenômeno trabalho como mediador?

De que forma é abordado com o aluno que trabalha o dia todo o conhecimento veiculado pela Educação Física? Qual o conceito que o mesmo tem

de trabalho e se, em função deste conceito, sua práxis é afetada? Será que este profissional tem consciência de que tanto nas escolas quanto no seu local de trabalho o ser humano sofre investidas em nível corporal considerando o peso do trabalho, a fadiga etc?

Será, pois, em função destes questionamentos que buscar-se-á realizar o trabalho proposto, que neste caso partirá dos seguintes pressupostos:

- I. A Educação Física é uma atividade teórico-prática que estuda, pesquisa e trabalha com o movimento humano em todas as suas dimensões - antropológicas, filosóficas, históricas, biológicas e técnicas.
- II. A Educação Física está intimamente ligada aos determinantes históricos e culturais da época.
- III. A Educação Física é representada por suas atividades individuais tais como: atletismo, natação, ginástica etc, e coletivas como voleibol, basquetebol, futebol de salão, etc.

Como se percebe, a Educação Física lida na sua essência com o movimento humano, com o corpo, indivisível enquanto ser.

COSTA (1991, p. 72), por exemplo, entende que em função da fundamentação das ciências humanas

**“o corpo humano tem sido concebido, em suas noções mais vulgares, como coisa fragmentada, que não é senão o resultado da apropriação fragmentada, estatística e estanque, a que o levam as múltiplas e desintegradas ciências humanas”.**

Esta fragmentação das ciências humanas presente na escola vai de encontro ao que já dissemos anteriormente.

O movimento humano é uma das possibilidades que o ser humano tem para compreender o mundo, a realidade que o cerca, e no ensino noturno especificamente, esta questão não é explorada como devia pelo profissional da área. Assim o movimento humano, realizado na indivisibilidade de corpo x



consciência cria e recria conhecimento, de forma que como diz COSTA (1991, p. 76),

**“... o corpo humano em movimento, seja em trabalho, seja, em produção artística, é ele próprio, cultura”.**

Ao que tudo indica, a escola busca, no caso do aluno noturno, prepará-lo para o convívio na sociedade através da chamada Educação do corpo, onde (sem querer ser demasiado redundante) o mesmo é domesticado, sufocado, tornando-se violado por um conjunto de regras pré-estabelecidas.

PAULA (1991, p. 305-306), em sua dissertação de mestrado faz uma análise da escola enquanto disciplinadora do corpo. Segundo ela:

**“a Escola, ao controlar o espaço, o tempo, o espírito, o intelecto, a sexualidade, enfim, o corpo dos alunos, tem contribuído mais para formar indivíduos submissos, dóceis e alienados do que indivíduos críticos e questionadores”.**

E conclui dizendo que:

**“com isso, o capital via escola, garante a alienação dos alunos, futuros trabalhadores, perpetuando-se sem conflitos”.**

O processo hegemônico é desta forma mantido. Com efeito, novos conhecimentos, novas práticas implicariam em questionamentos, podendo representar uma ameaça aos conhecimentos e práticas sacralizados, tidos como intocáveis.

Talvez por isso o aluno do noturno acabe tendo um conhecimento que, via de regra, não vai lhe permitir atuar de forma crítica na sua realidade. O tipo de trabalho, normalmente vai exigir deste aluno o emprego da força e/ou competência física e esta qualidade física é adquirida através de exercícios físicos. Será que a Educação, principalmente no ensino noturno, não estaria desenvolvendo este aspecto para que o aluno trabalhador suporte a carga de trabalho diária?

A ascensão social via estudos, principalmente à noite, é algo difícil de alcançar, mas é o que a maioria das pessoas que frequentam a escola noturna desejam. A mudança de classe social normalmente permite à pessoa que a alcançou, a oportunidade de lidar com trabalhos mais intelectualizados em detrimento dos que dispõem força física. BOLTANSKI (1979, p.168) ao analisar as relações das classes sociais com o corpo diz:

**“a medida que se sobe na hierarquia social, que cresce o nível de instrução é que descrece correlativamente e progressivamente o volume de trabalho manual em favor do trabalho intelectual ....”**

Como já dissemos anteriormente, a Educação Física no contexto da sociedade capitalista de forma geral, se aproxima mais do trabalho manual, de dispêndio de energia, de cansaço físico, do que do trabalho intelectual.

Esta situação é clara quando nesta área se volta para as qualidades físicas, número de faltas etc.

O contexto escolar (e isto inclui todas as disciplinas curriculares), e a Educação Física em particular, exerce sobre o corpo um papel disciplinador e normatizador, como diz PAULA (1991, p.97):

**“... pela força do olhar judicativo dos elementos da direção, da coordenação, dos professores, dos inspetores etc, uma postura bem comportada e aplicada”.**

Como se pode observar nas nossas análises, a escola, mesmo sendo reconhecida como instância de transmissão de conhecimento, é vista, como bem afirma PAULA (1991, p.96),

**“... como lugar de vigilância, punição recompensa, hierarquização e adestramento...”.**

ROMERO (1993, p.169) partilha desta forma de pensar ao dizer que:

**“os alunos lado a lado, são vigiados pelo olhar do mestre que aos poucos disciplina-lhes os corpos, num processo de alinhamento de modo que após certo tempo cada um sabia a sua sala, a sua classe,**

**o seu lugar na fila. O trabalho simultâneo de todos permite ao exemplo da fábrica, o controle, numa perfeita economia do tempo de aprendizagem”.**

O terceiro capítulo, a seguir, tratará de situar uma análise do corpo na sociedade capitalista.

## CAPÍTULO III

### O CORPO-TRABALHO NA SOCIEDADE CAPITALISTA

A questão da Corporeidade é o reflexo, na verdade, do castigo, do aviltamento e do uso indiscriminado e abusivo do corpo, tendo como causa a exploração do homem pelo homem.

Na sociedade capitalista o corpo acaba por ser um objeto de uso nas suas mais variadas formas: é utilizado como instrumento de adorno, de beleza, de saúde, enfim, de um padrão de corpo (moreno, bronzeado, esguio, alto etc) com expressão de classe social. Já pelas classes subalternas, o corpo é sinônimo de mão-de-obra, de trabalho e carrega expressões de fadiga, de cansaço, de exaustão, advindas das condições de trabalho e das relações que ocorrem neste. O que é o trabalho afinal na sociedade capitalista? Segundo MARX (1989, p.7).

**“O trabalho é, em primeiro lugar, um processo de que participam igualmente o homem e a natureza, e no qual o homem espontaneamente inicia, regula e controla as relações materiais entre si próprio e a natureza. Ele se opõe à natureza como uma de suas próprias forças, pondo em movimento braços e pernas, as forças naturais de seu corpo, a fim de apropriar-se das produções da natureza de forma ajustada às suas próprias necessidades. Pois, atuando assim sobre o mundo exterior e modificando-o ao mesmo tempo ele modifica sua própria natureza. Ele desenvolve seus poderes inativos e compele-os a agir em obediência à sua própria autoridade”.**

Ter o corpo bronzeado, esguio, alto, saudável é para o trabalhador uma utopia, dado as condições a que é submetido na relação de produção e na alienação do trabalho.

É óbvio que o corpo que o mercado capitalista propaga não é senão o padrão de corpo da classe e, por conseguinte, de classe. Por outro lado, o corpo do trabalhador que é mantido à margem do que produz, não tem acesso ao que o capitalismo oferece, termina por ser corpo "diferente" com as marcas de sua própria condição de existência. No capitalismo, como cabe à classe dominante o usufruto do trabalho, reservando a si o trabalho intelectual, ao trabalhador compete o trabalho manual, o esforço físico. Esta divisão do trabalho, baseada na antropologia dualista do homem capitalista, retrata no corpo as condições gerais de classe.

Isto posto, sob que aspectos podemos analisar a questão do corpo do trabalhador no sistema capitalista? No nosso modo de entender, podemos analisá-lo sob alguns aspectos que julgamos relevantes, quais sejam:

- as patologias do corpo burguês e as do corpo do trabalhador assalariado;
- as condições de existência (relação de produção) do corpo burguês e do corpo do trabalhador;
- a escola como formadora de corpos obedientes, produtivos e úteis.

Quando nos referimos às condições de existência nas relações de produção, estamos obviamente falando de capital e trabalho. É este binômio que determina neste tipo de sociedade a história do patrão e do empregado, que é logicamente a própria História do homem.

As condições de existência de quem detém o capital e as de quem vende sua força de trabalho são diametralmente opostas. O tipo de moradia, alimentação, vestuário, bebida, assistência médica e de educação da classe dirigente chega a ser um acinte neste tipo de sociedade em contrapartida ao tipo de moradia, alimentação, vestuário, bebida, assistência médica e educação da maioria do trabalhador brasileiro.

São, na verdade, os itens citados acima que influenciam decisivamente na formação do corpo do trabalhador, um corpo voltado eminentemente para o trabalho normal, com uma exigência muito grande de esforço físico. Como diz FOUCAULT (1979), o poder definitivamente está moldando um tipo de corpo que a sociedade capitalista necessita, o poder penetrou no corpo do trabalhador. O capitalismo, além de se apropriar da "mais-valia", também se apropriou do corpo do trabalhador, é preciso, como diz MEDINA (1987), que,

**“tenhamos consciência de que por trás da busca de um corpo bonito e saudável estão presentes os interesses de um sistema adoecido, neurótico e robotizante, cuja meta é sempre o lucro a qualquer custo, e o que é pior, o lucro para alguns ao preço da alienação de todos”.**

E que tipo de alienação seria esta? MARX (1989, p.10) dividiu o trabalho em dois, a saber: trabalho alienado e o trabalho inalienado. Mas o que vem a ser numa perspectiva Marxista trabalho alienado? O processo de alienação segundo o autor manifesta-se no trabalho e na divisão deste. Entende que:

**“O trabalho humano é alienado porque trabalhar deixou de fazer parte da natureza do trabalhador e conseqüentemente, ele não se realiza em seu trabalho, mas nega-se a si mesmo, tem uma impressão de sofrimento ao invés de bem estar, não desenvolve livremente suas energias mentais e físicas mas fica fisicamente exaurido e mentalmente aviltado. O trabalhador portanto se sente constrangido”.**

Ainda, segundo MARX (1989, p.10), o trabalho inalienado seria aquele :  
**“onde o homem não domina a natureza, mas se une a ela, que é sensível e suscetível aos objetos, de modo que estes se tornam vivos para ele. Onde o homem não se realiza somente como indivíduo, mas também como um entre-espécie”**

Pode-se dizer que a estrutura corpórea do trabalhador é moldada mediante as relações existentes entre este e o patrão. MEDINA (1987, p.65), por exemplo, sugere que

**“desde a gestação somos modelados pelos valores vigentes, pela cultura, pela situação de classe social a qual pertencemos”.**

Podemos inferir que o corpo burguês ou da classe dominante tem características notadamente opostas às do corpo da classe trabalhadora em função de um representar o poder, o capital e os meios de produção e o outro o de vender sua força de trabalho, seu corpo. Nesta perspectiva, a discriminação do trabalhador por pertencer a uma classe social baixa na hierarquia nada mais é do que a vergonha de si próprio, do seu corpo, do seu trabalho, enfim, da sua classe. Como nos diz BOLTANSKI (1979, p.183):

**“a vergonha do corpo... não é talvez senão a vergonha de classe: o corpo, efetivamente, é do mesmo jeito que todos os outros objetos de técnicas cuja posse marca o lugar do indivíduo na hierarquia das classes - sinal de status - talvez o mais íntimo e daí o mais importante - cujo resultado simbólico é tão maior, pois como tal nunca é dissociado da pessoa que o habita”.**

Com efeito, as condições de existências de um e de outro sendo opostas, produzem corpos com características morfológicas diferentes. As condições de moradia, com infra-estrutura, com uma alimentação balanceada, com assistência médica compatíveis e com um sistema educacional que cumpra seu papel, que é o de passar o conhecimento historicamente acumulado pela humanidade, refletem, ou melhor, produzem um corpo sujeito a algumas patologias originárias deste tipo de vida.

Por outro lado, se as condições de moradia são precárias (sem nenhuma infra-estrutura: água, luz, esgoto), se a alimentação não supre o mínimo de calorias exigidas pelo organismo, se a assistência médica é medíocre e pobre em qualidade (atendimento e tratamento) e se o sistema educacional acaba por

expulsar quem mais precisa da escola, este tipo de vida com certeza produz um “outro corpo”, que na sua “aparência” é igual ao corpo da classe burguesa, mas que na sua “essência” reflete profundas diferenças, como por exemplo nas patologias contraídas por um e outro. Como diz ROMERO (1993, p.181):

**“O corpo atual, impregnado de novos valores de moral, de felicidade, de beleza ou juventude, continua a ser marcado pelos signos tatuados num corpo que se transforma num objeto de cuidados e desassossegos em decorrência de novas teorias que vinculam a vida moderna ao stress e às enfermidades hoje mais investigadas e conhecidas”.**

Com efeito mesmo as patologias sendo as mesmas, os maiores percentuais, em termos comparativos, recairão sobre o corpo oprimido e massacrado daquele em que as condições de existência são extremamente iníquas.

Para ilustrar nossa análise, vejamos o que diz MEDINA (1984, p.97-98) a esse respeito:

**“O corpo burguês adquire as chamadas doenças do desenvolvimento, doenças da civilização ou ainda doenças hipocinéticas que afetam fundamentalmente os aparelhos circulatório e respiratório, além de afetar generalizadamente todos os sistemas celulares através das neoplasias. Como é conhecido, com hábitos sedentários e alimentares que favorecem o aparecimento da gordura e obesidade, e com tensão que estimula alguns vícios, torna-se suscetível às doenças como o enfarto, a arteriosclerose, o derrame, o câncer, além de certos distúrbios específicos. Entretanto, tendo à sua disposição todos os recursos da tecnologia médica, consegue, através de tratamentos caros e sofisticados, ampliar sua expectativa de vida. Já o corpo marginal (trabalhador) adquire as doenças do subdesenvolvimento, ou seja, as doenças infecciosas e parasitárias (diarréias, verminoses,**



**anemias etc). Face às condições precárias de vida, caracterizadas principalmente pela falta de higiene, saneamento básico e boa alimentação, está exposto ao nanismo, ao raquitismo e outras patologias que o levam, com facilidade, às doenças crônicas e à morte. Devido ainda às suas condições precárias de trabalho, está constantemente sujeito aos acidentes. Para o tratamento de suas doenças, utiliza-se da medicina caseira, dos serviços deficientes do INPS, de auto medicação, benzimentos etc”.**

Completando, diria que a alienação, a marginalização do trabalhador não tendo acesso ao conhecimento historicamente acumulado, termina por ser também uma patologia, a patologia da subserviência, da ignorância, do desconhecimento da sua situação de explorado, enfim, do desconhecimento da própria vida.

A Escola, nesta perspectiva, tendo um caráter ideológico, colabora na formação de homens que preencham as exigências do sistema no que diz respeito ao trabalho, trabalho este que tem seu ápice nas atividades intelectuais em detrimento das que são consideradas atividades manuais.

Nesta perspectiva, o corpo não consegue ficar inerte numa cadeira durante várias horas, tem necessidade de movimento, mas não movimentar por movimentar, e sim um movimento consciente de sua importância em nível de expressividade, de comunicação e criatividade, um movimento que revele o seu “eu” , o seu “ser”, sua presença, sua linguagem, sua história. Ao privilegiar atividades intelectuais, a escola está concorrendo para uma antropologia dualista do homem. Ao privilegiar as atividades mentais, a escola exclui a maioria da classe mais desfavorecida, porque a escola existe em função de um aluno que já vem com hábitos do meio onde vive, mas como a escola foi e é preparada para atender um tipo de aluno, para justificar os altos índices de evasão e repetência, diz que o outro tipo de aluno é indisciplinado, inquieto, não presta atenção nas aulas, não tem raciocínio, não tem inteligência, não tem memória, etc.

A escola inculca nos alunos da classe trabalhadora os valores, normas e comportamentos da classe dominante durante o pouco tempo em que ficam na mesma, além de desconsiderar as “condições de existência” que estes alunos trazem consigo. Não considerar esta variável implica em dizer que a escola trata a todos igualmente, como se todas as crianças viessem de um mundo “igual”.

A quase totalidade das disciplinas da escola são basicamente voltadas para o desenvolvimento mental, ou seja, para o raciocínio e memória. No entanto, existe uma área do conhecimento que em contraposição a estas, privilegia o corpo (físico), o resultado alcançado pelo corpo do aluno trabalhador, medido através de performances, dos gestos técnicos, mecânicos - desportivos.

É sobre esta área do conhecimento, ou seja, da Educação Física, que centrarei a partir de agora minhas análises.

Na sociedade capitalista objetiva-se um corpo com determinados padrões estéticos, com a intenção óbvia de rendimento, de eficácia, do cumprimento das normas de conduta e da aquisição de um conhecimento acrítico do mundo onde vive. A Educação Física colabora e muito para que se mantenha esse estado de coisas, seja exigindo rendimento e eficácia nos gestos mecânicos desportivos, seja obedecendo subservientemente à hierarquização que emana do esporte, seja na seletividade dos melhores ou na exclusão dos piores, que na verdade são a maioria.

Não obstante, a Educação Física molda com grande competência o corpo que a atual sociedade exige. A Educação Física, assim como a escola, compactua com o dualismo cartesiano do homem como se fosse possível separar o corpo da mente ou vice-versa.

A Educação Física, colabora para que seja moldado o padrão de corpo do capitalismo burguês, com a ajuda das “fábricas de ginástica aeróbica”, “indústria do fisiculturismo” e da “indústria do esporte-espetáculo-competição”, que produzem o “ídolo”, o “mito”, como instrumento ideológico.

Enfocando esta área do conhecimento não como modeladora de corpos e de condutas, mas como visualizadora do homem enquanto movimento, gesto, expressividade e presença, estaremos avançando no sentido de busca da identificação da Educação Física. Eis o que diz SANTIN (1987, p.25-26) a esse respeito:

**“É o humano, que sustenta e alicerça a Educação Física. É no homem diretamente que a Educação Física encontra sua razão de ser. O modo de ser do homem exige a Educação Física, como exige a educação intelectual e moral.”**

Continua o autor:

**“O homem não age por partes, mas age sempre como um todo. O pensar, as emoções, os gestos são humanos, não são ora físicos ou psíquicos, mas sempre totais, isto é, são ao mesmo tempo toda a objetivação que se lhe poder atribuir. O homem é corporeidade, e, como tal, é movimento, é gesto, é expressividade, é presença. Maurice Merleau Ponty descreve esta presença do homem como corporeidade, não enquanto o homem se reduz ao conceito, de corpo material, mas enquanto fenômeno corporal, isto é, enquanto expressividade, palavra e linguagem. O homem instaura sua presença, ou define sua fenomenologia como corporeidade. A presença é marcada pela postura. O animal tem seu movimento. A estátua tem sua posição. O homem não é uma, nem outra coisa. O homem é movimento, o movimento que se torna gesto, o gesto que fala, que instaura a presença expressiva, comunicativa e criadora.**

**Aqui, justamente neste espaço está a Educação Física. Ela tem que ser gesto, o gesto que se faz, que fala. Não o exercício ou o movimento mecânico vazio e ritualístico. O gesto falante é o movimento que não se repete mas que se refaz, e refeito diz cem vezes, tem sempre o valor e a dimensão de ser inventado, feito pela**

**primeira vez. A repetição criativa não cansa, não esgota o gesto, pois não é repetição, mas criação.”**

E completa com propriedade:

**“Os movimentos da Educação Física devem ser gestos artísticos, isto é, criativos. E cada um tem seu gesto original, próprio, pessoal. Cada um tem seu timbre de voz, seu sotaque, seu modo de falar. Assim, também tem sua originalidade de movimento de caminhar e de expressão gestual. Tem-se portanto na Educação Física, realmente educação, educação humana e não apenas treinamento físico” (SANTIN, 1987, p.26).**

O fato desta perspectiva ter um caráter fenomenológico não retira dela o fato de pelo menos neste aspecto ela se fundir com a concepção dialética e o entendimento da questão. Não partilho em determinados aspectos da fenomenologia, mas neste caso ela aprofunda o tema por nós analisado.

Sob outros aspectos pode-se visualizar o movimento, não apenas pelo expressar dos gestos, da presença, mas enquanto um fato político, enquanto um movimento na luta por melhores condições de vida, enfim, um movimento reivindicatório. A respeito destes tipos de movimentos podemos exemplificar da seguinte forma: Suponhamos dois tipos de passeio a pé; um, onde os participantes estejam vestidos esportivamente, com o objetivo de completar um percurso pré-determinado e um outro, com o objetivo de reivindicar melhores condições de vida, salários dignos etc. Com certeza a forma de tratar um e outro vai ser diferente. O primeiro vai ter todo um aparato policial no sentido de agilizar a realização do mesmo; já o segundo também terá todo um aparato policial, só que com o intuito de reprimir, de não deixar a livre manifestação sob pretexto de desordem. Dois movimentos aparentemente iguais, mas com tratamento diferente; um porque ajuda a manter o sistema e o outro porque o incomoda. Um movimento buscando outro movimento.

Mediante o que foi exposto, cremos ter avançado na compreensão do fenômeno trabalho e do corpo do trabalhador. Considerar, portanto, o trabalho, no contexto escolar é importante, principalmente se a escola pretende estabelecer uma ligação entre o que é transmitido no seu interior com o mundo do aluno trabalhador, considerando as condições de existência dos mesmos.

A corporeidade está, pois, crivada pelas relações sociais que se estabelecem no sistema capitalista.

O aluno trabalhador, de forma explícita, é o resultado destas relações e, principalmente, o aluno do ensino noturno em que as marcas destas relações sociais e dos signos são mais contundentes.

## CAPÍTULO IV

### OBSERVAÇÕES METODOLÓGICAS

O primeiro momento da pesquisa de campo deste trabalho aconteceu na forma de uma sondagem de opinião, através de contato com o ensino noturno, para que pudéssemos conhecer um pouco do professor e do aluno que frequentavam a escola, visto que desconhecíamos estas informações.

Neste sentido, no início do ano letivo de 1994, na primeira escola acompanhamos uma turma de 5ª série assistindo, durante os meses de Março e Abril, em torno de 10 aulas. As etapas de contato se constituíram em observação, conversas informais e finalmente a estruturação de um questionário. Na observação voltamos a atenção para a forma como o profissional conduzia as aulas, sua relação com o aluno e vice-versa, enfim como era sua prática pedagógica em função dos alunos. Já as conversas informais com o professor giravam em torno das dificuldades encontradas no seu trabalho e que diziam respeito à forma de conduzir as aulas de Educação Física, do relacionamento com o aluno, do tipo de aluno do noturno etc.

O primeiro questionário foi elaborado tendo como base as observações e as conversas tidas neste período, a partir das visitas àquela escola, localizada em um bairro entre a periferia e o centro. Os primeiros dados colhidos surgiram em função destes contatos objetivando estruturar o questionário para alunos e professores no ensino noturno.

Para efeito de análises posteriores, a observação, as conversas formais e informais também se constituíram em critérios para a elaboração do questionário final.

O objetivo da visita na primeira escola foi de entender a dinâmica de seu funcionamento através dos professores e alunos envolvidos no processo. O

questionário piloto foi aplicado no intuito de dar ao mesmo condições de atender aos objetivos do trabalho.

Neste sentido, a pesquisa realizada utilizou como instrumentos, a observação de campo e o questionário. A observação de campo permitiu um entendimento melhor do funcionamento e da dinâmica do ensino noturno no que diz respeito principalmente à prática pedagógica da Educação Física, além de estabelecer um vínculo de empatia entre as partes envolvidas.

O questionário, que colheu informações acerca da vida e do trabalho das pessoas envolvidas, tem um grau de fidedignidade muito grande em função justamente do vínculo estabelecido.

Com efeito, o questionário objetivou junto ao profissional saber dados de sua formação acadêmica que nos permitissem traçar um perfil deste profissional, além de buscar elementos que nos levassem a vislumbrar o que o mesmo pensa acerca da Educação Física e a sociedade na qual está inserida, na forma de trabalhar o conteúdo, bem como no planejamento e o modo como avalia o aluno. Por fim, obter informações que nos revelassem o grau de envolvimento político que tem com sua categoria profissional.

Já em relação aos alunos, colhemos informações acerca de dados pessoais que nos mostrassem também o perfil do aluno, do processo de escolarização, isto é, quando começou a estudar, se foi na faixa etária tida como normal ou não, se parou de estudar e por que, enfim, traçar um itinerário escolar deste aluno.

Um outro dado dizia respeito à ocupação, isto é, o tipo de trabalho, se é temporário ou fixo, o número de horas que trabalha por dia e o efeito do trabalho nos seus estudos.

No aspecto sócio-econômico levantou-se dados sobre moradia, bens materiais, remuneração que nos revelassem as condições em que vivem estas pessoas. Por fim, saber deste aluno sua opinião acerca das atividades desenvolvidas nas aulas de Educação Física, seu envolvimento com o conteúdo e importância da Educação Física para ele.

Outrossim, o que se buscou foi identificar se o profissional desta área leva em conta as condições específicas do aluno do ensino noturno, ou seja, sua condição de trabalhador durante o período diurno.

Para tanto, dentre as 62 escolas públicas da cidade de Uberlândia foram escolhidas três (03), sendo uma escola intermediária, uma escola da periferia e outra central. Tal escolha é justificada tendo em vista que mesmo sendo sua natureza pública, estas escolas se diferenciam entre si (seja nas condições estruturais, seja no tipo de aluno, no trabalho, etc) na medida em que se afastam do centro da cidade.

A série escolhida para aplicação do questionário foi uma 5ª série, pois é onde começa a ser oferecida a Educação Física. Mesmo tendo na escola intermediária quatro 5ª séries, apenas em uma foi iniciado o trabalho de pesquisa, cuja amostragem no nosso entender era significativa e representativa da realidade, pois num total de aproximadamente 120 alunos foram aplicados questionários com 30, o que representa 25% do total.

A análise terá na categoria trabalho seu alvo principal, pois entende-se que a compreensão do fenômeno trabalho pode trazer um melhor entendimento, uma maior compreensão da realidade, enfim, da sociedade em que vivemos.



## CAPÍTULO V

### COLETA DE DADOS E ANÁLISE DOS RESULTADOS

#### 1. PRIMEIRO CONTATO COM OS ALUNOS DA ESCOLA INTERMEDIÁRIA

Antes de adentrar na questão específica da coleta de dados é bom esclarecer que os professores, neste contato preliminar não foram solicitados a responder sob a forma de questionário nenhuma pergunta porque nosso objetivo primeiro eram os alunos, haja visto que desconhecíamos por completo sua situação. Com os professores procuramos assistir algumas aulas, conversando e ouvindo acerca das questões e da visão que tinham sobre o ensino noturno e a sua própria situação neste contexto, estruturando a partir daí um questionário. Já em relação aos alunos, o primeiro passo para coletar dados preliminares na escola intermediária aconteceu no dia 18/04/94, com a prévia autorização da direção. A professora de Educação Física que estava com a classe não era a efetiva, estava como substituta por apenas alguns dias e, portanto, tinha tido pouco contato com os alunos.

Os primeiros dados levantados enfocavam o sexo, a idade e a ocupação.

Apresentamos a seguir a tabela 1 que trata da distribuição dos alunos por sexo de uma 5ª série.

**Tabela 1** - Distribuição dos alunos por sexo.

<b>SEXO</b>	<b>IDADE</b>	<b>%</b>
masculino	14	51,9
feminino	13	48,1
<b>TOTAL</b>	<b>27</b>	<b>100</b>

Como se vê, nesta série o número de homens e de mulheres praticamente se igualaram.

Já no que diz respeito a idade observamos um aspecto que nos chamou a atenção como nos mostra a tabela 2.

**Tabela 2 - Distribuição dos alunos por faixa etária**

<b>FAIXA ETÁRIA (anos)</b>	<b>Nº ALUNOS</b>
10-12	4
13-15	5
16-18	15
19-21	-
acima de 21	03
<b>TOTAL</b>	<b>27</b>

Observa-se nesta tabela que os alunos na sua quase totalidade não estão dentro do processo tido como normal na sua escolarização. Numa quinta série normalmente o aluno tem entre onze e doze anos, desde que não tenha sido reprovado anteriormente.

Na tabela 3, a seguir, apresentamos a distribuição dos alunos por ocupação.

**Tabela 3 - Distribuição dos alunos por ocupação.**

<b>OCUPAÇÃO</b>	<b>Nº ALUNOS</b>
doméstica	5
pedreiro	2
vendedor	2
revelador foto	2
auxiliar cabeleireiro	1
leiteiro	1
office boy	1
montador de móveis	1
garçon	1
marceneiro	1
mecânico	1
não responderam	9
<b>TOTAL</b>	<b>27</b>

Nota-se que a maioria dos alunos (cerca de 66%), trabalha. Nove não responderam, o que não quer dizer que não tenham nenhuma ocupação. Podem não ter respondido por vergonha em dizer o que fazem ou porque não quiseram responder. Pode-se inferir, diante destes dados, que o aluno estuda à noite porque trabalha de dia, portanto, é um aluno trabalhador. Um outro aspecto é o de que as ocupações têm um caráter temporário, isto é, pelo menos algumas delas como garçon, pedreiro, doméstica, mecânico, office boy, etc. Este tipo de trabalho muitas vezes varia de acordo com a necessidade e a permanência neles não é muito longa. Das mulheres que responderam o questionário todas são domésticas, o que nos leva a concluir que os diferentes tipos de trabalho ficam à disposição dos homens.

Como primeiro contato, os dados especificamente dos alunos (pois dos professores foi através de conversas e observação) ainda não aprofundavam as questões por nós levantadas entre a Educação Física e o ensino noturno, mas já começavam a fornecer informações até então desconhecidas por nós, para a elaboração de um questionário mais estruturado, para um melhor entendimento das questões.

No segundo contato, ainda na escola intermediária, foram aplicados questionários tanto para alunos quanto para professores. A sala de aula seria a mesma.

## **2. SEGUNDO CONTATO COM ALUNOS E PROFESSORES DA ESCOLA INTERMEDIÁRIA**

Como dissemos anteriormente, nossa atenção se voltaria agora também para os professores, onde o questionário elaborado a partir de conversas e

observações estruturadas no início da pesquisa versava sobre o perfil do profissional e sua prática pedagógica.

No que diz respeito aos alunos, as questões arguíam sobre: sexo, idade, trabalho, início dos estudos, se interrompeu os estudos, importância do estudo, se gosta ou não das atividades desenvolvidas nas aulas e se a Educação Física é importante para ele.

Em relação aos professores, as informações solicitadas diziam respeito a: sexo, experiência no ensino noturno, dificuldades encontradas na prática pedagógica e influência do trabalho nas aulas de Educação Física.

Os alunos presentes responderam o questionário pouco tempo após a entrega dos mesmos. Já os três professores, tendo em vista seus afazeres, entregaram o questionário preenchido no dia seguinte. Dos três, um não devolveu o questionário.

A seguir faremos as análises dos resultados dos alunos e, posteriormente, dos professores.

A título de esclarecimento, no caso dos alunos, três meses após o início do ano letivo, dos trinta e sete alunos matriculados, oito tinham desistido, abandonado, estando freqüentes às aulas, apenas vinte e nove. Destes, um não quis responder e quatro estavam ausentes, num total de vinte e quatro questionários respondidos.

**Tabela 4 - Distribuição dos alunos por sexo**

<b>SEXO</b>	<b>IDADE</b>
masculino	16
feminino	08
<b>TOTAL</b>	<b>24</b>

Especificamente neste caso o número de homens é o dobro do de mulheres, mas obviamente não é uma regra, pois conforme observação nossa, estes números podem se inverter em outras salas com um maior percentual de mulheres.

No caso da faixa etária, assim como no primeiro contato (vide tabela II), a maior parte dos alunos está fora dos padrões para cursarem a quinta série. A maioria está acima dos quinze anos de idade.

Em relação ao trabalho observou-se assim como no primeiro contato, que a maioria das mulheres são domésticas ou, como preferem ser chamadas, “auxiliares do lar”. O sexo masculino tem um leque de trabalho bem diversificado.

Estes dados nos levam a inferir alguns questionamentos. O primeiro deles está no fato de que as oportunidades de trabalho feminino são, na sua maioria, a função de cuidar da casa e dos filhos, quando não da sua, da casa dos outros.

O segundo - e isto cabe aos homens e mulheres - mostra que os trabalhos executados são de cunho temporário, isto é, trabalha-se um tempo num lugar e logo em seguida muda para outro.

No item que trata do início dos estudos são reveladas algumas características importantes. Vejamos como ficou a tabela 5 que trata desta questão.

**Tabela 5 - Idade de início dos estudos dos alunos.**

<b>IDADE (anos)</b>	<b>Nº ALUNOS</b>
5	01
6	06
7	14
8	02
10	01
<b>TOTAL</b>	<b>24</b>

A grande maioria, ou seja, mais de 80% iniciaram os estudos na faixa etária em que a maioria das crianças começam, que gira em torno dos seis aos sete anos, dependendo da data de nascimento, não importando se são abastadas ou não. Este dado nos revela que o início da escolarização é igual para todos, independentemente do nível social (ou da cor). As chances são iguais, mas esta igualdade é ilusória, pois depois de determinado tempo, a forma de organização e estrutura da escola que espelha o sistema vigente expulsa de forma direta ou

indireta grande parte das crianças da escola. As altas taxas de evasão e repetência como problema da educação estão presentes em diversos estudos, e pesquisas realizadas pelo MEC, pelo INEP, etc. Iniciar o processo de escolarização é uma coisa, permanecer na escola é outra.

Dos vinte e quatro, dez não interromperam os estudos, mas quatorze pararam por vários motivos. Na tabela abaixo aparecem várias razões para que este fenômeno ocorresse.

**Tabela 6 - Razões para interrupção dos estudos.**

<b>MOTIVO</b>	<b>Nº ALUNOS</b>
• para trabalhar	06
• não encontrou vaga	01
• mudou de cidade	01
• dificuldade de aprendizagem	01
• falta de orientação familiar	01
• sem justificativa	04
<b>TOTAL</b>	<b>14</b>

Com efeito, as respostas dos que interromperam os estudos têm no trabalho um forte respaldo. Aqui, mais uma vez, comprova-se que o aluno que estuda à noite é um aluno-trabalhador, pelo menos em grande parte. Ele necessita trabalhar para ajudar em casa, para ajudar no sustento da família e para sua própria sobrevivência. Como então lidar com este aluno na perspectiva da Educação Física? Como fazer com que o conteúdo veiculado tenha sentido, por exemplo, para a auxiliar do lar que ficou oito horas trabalhando em uma casa, cozinhando, limpando e passando ou para o servente de pedreiro e pedreiro que sob um calor extenuante carrega sacos de cimento e carrinhos de areia o dia todo?

Talvez seja para fugir deste tipo de vida é que os alunos conferem aos estudos não só uma significação de sobrevivência mas de condição para uma vida melhor. Na tabela apresentada a seguir os alunos apresentam alguns motivos.

**Tabela 7 - Razões para estudar apresentadas pelos alunos.**

<b>MOTIVO</b>	<b>Nº ALUNOS</b>
• melhorar de vida	16
• aprender	03
• “mãe” mandou ir à escola	01
• gosta	01
• resolveu voltar	01
• não responderam	02
<b>TOTAL</b>	<b>24</b>

O motivo “melhorar de vida” está nas respostas da grande maioria dos alunos, o que vem corroborar o entendimento de que, de uma forma consciente ou mecânica, os alunos sabem da importância do conhecimento em suas vidas, mesmo alguns não gostando de estudar. A fala de um deles por exemplo, é ilustrativa neste sentido: “Estudo para conseguir um trabalho bom e subir na vida”.

O aluno-trabalhador vê na escola uma forma de ascensão social e, por outro lado, entende que estudando o trabalho será mais leve, isto é, o esforço físico será menor, não será tão fatigante quanto o seu atual trabalho, o trabalho será, isto sim, mais intelectual do que de força física.

Retoma-se aqui a questão da divisão social do trabalho, onde cabe a uns pensar e planejar e a outros executar. No sistema capitalista, como já frisamos anteriormente, o trabalho intelectual é melhor remunerado do que o trabalho manual, do dispêndio da força física, do cansaço corporal extenuante, enfim daquele que não estudou. E a Educação Física? Como será que estes alunos-trabalhadores a vêem? Será que gostam do que fazem?

Ao que tudo indica os alunos gostam das aulas de Educação Física por vários motivos. A tabela que a seguir explicita as razões desse gostar.

**Tabela 8 - Razões dos alunos para gostarem das aulas de Educação Física.**

<b>MOTIVO</b>	<b>Nº ALUNOS</b>
• exercita, é saudável	04
• praticar esportes	08
• importante para a vida	03
• relaxamento para outras aulas	02
• professora é amiga	02
• professora é bonita	01
• não responderam	04
<b>TOTAL</b>	<b>24</b>

No geral, os alunos gostam das aulas (ou seria do ambiente, da paquera, do namoro, do descompromisso?) e este gostar, como a tabela nos mostra, está voltado para a prática de esportes - de preferência coletivo - que exercita e é saudável. Respostas com conceituações subjetivas do tipo “É importante”, “Relaxa” ou do tipo descompromissada como “A professora é amiga”, “... é bonita”, expõem a fragilidade da prática pedagógica noturna desta área do conhecimento.

A Educação Física nesta perspectiva é mais um elemento na manutenção deste tipo de sociedade, quando poderia atuar como um agente que ajudasse a desvelar e a interferir no mundo do trabalho do aluno do noturno e na sua vida. Todavia, o conteúdo desenvolvido nas aulas, ao que parece, está servindo mais para compensar um dia de trabalho, de “descarrego” de tensões, etc.

Neste quadro todo, como é que fica o profissional da área? Afinal de contas, o que pensam os professores acerca do ensino noturno e da sua prática pedagógica? Com estas representações foram distribuído os questionários aos três professores mas somente dois responderam, como já foi dito.

Um é do sexo masculino e o outro do feminino. Os dois foram formados pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e ambos trabalham tanto no diurno quanto no noturno.



Especificamente, em relação ao ensino noturno, o tempo de magistério gira em torno de 1 a 3 anos para um e acima de 9 anos para o outro. Tanto um quanto o outro também atuam no ensino diurno e entendem que existem diferenças significativas do noturno para o diurno. O fato dos alunos trabalharem e de chegarem cansados é, no entendimento deles, uma dessas diferenças. O que se percebe é que, mesmo citando o fenômeno do trabalho, eles não conseguem fazer uma ligação deste com a Educação Física. Quando muito há um entendimento do senso comum, no qual caberia à Educação Física propor atividades que descansassem os alunos, enfim, atividades de cunho recreativas.

É aqui que a Educação Física, no nosso entender, mergulha numa inércia profunda, veiculando e disseminando um conhecimento via patrulhamento ideológico - que tende a manter a ordem vigente. Ao que tudo indica, uma consciência crítica da realidade ainda não está presente na prática e nos conceitos postulados por estes profissionais.

No que diz respeito aos alunos, os professores afirmam que eles gostam do que fazem, tendo a prática de um esporte coletivo como objetivo principal. O esporte coletivo motiva as pessoas a praticá-lo, o que é o oposto no esporte individual ou atividade individual onde o interesse, o prazer e a motivação estão na e com a pessoa.

Quando o esporte ou a atividade é individual não há com quem falar, rir, conversar, chorar, desabafar, a não ser consigo mesmo. Talvez por isso, por ser o homem, como se sabe, "um ser social", tenda a preterir o esporte coletivo ou a atividade coletiva em detrimento do esporte e da atividade individual. Ainda segundo os professores, os próprios alunos reclamam quando não há aula e vão mais longe: ajudam a controlar o tempo de aula juntamente com o professor para que todos possam participar. As dificuldades em trabalhar com os alunos estão voltadas para a falta de material, de segurança e de espaço físico. Este tipo de pensamento dos professores tende a refletir um desconhecimento do sistema capitalista.

A ênfase na condução do processo é voltada para as dimensões técnica e biológica, negligenciando as dimensões filosóficas, sociológicas, políticas e econômicas, que pouco ou quase nada são discutidas, não por omissão, mas por desconhecimento. Exemplo disso é o fato de que, tendo os alunos trabalhado o dia todo, a metodologia, o planejamento e a avaliação não são alterados e que em função disso o conteúdo que, via de regra, no ensino noturno é a prática de um esporte que poderia ter relação com o mundo do trabalho do aluno, acaba se transformando em uma atividade com características, segundo os professores, “recreativas” porque os alunos chegam cansados do trabalho. Um deles diz que: “As atividades com eles devem ser mais recreativas porque chegam cansados”.

Ainda segundo os professores, se não for desta forma os alunos se recusariam a participar das aulas. Ora, toda mudança implica em colocar face a face o contraditório estabelecer a crise, do contrário nada de novo surgirá, e a dialética neste aspecto é um importante elemento na compreensão do movimento real, do que está por trás, do aparente.

Desta forma, após este contato com os professores, passamos a ter uma visão mais aprofundada do ensino noturno e sua relação com a Educação Física, o que já nos propiciou elaborar de forma definitiva o questionário tanto dos professores quanto dos alunos. A seguir apresentamos alguns esclarecimentos que se fizeram necessários na confecção final do questionário.

## **ESCLARECIMENTOS COMPLEMENTARES**

Com o objetivo de dar continuidade à pesquisa, com a aplicação do questionário em sua forma definitiva, acrescidos de sugestões apresentadas por alunos e professores, retornamos à escola intermediária. Nossa intenção era a de entregar o questionário na mesma série na qual tínhamos colhido os primeiros

dados, no início de 1994. A opção por continuar a coleta de dados na mesma turma estava no fato que os alunos já tinham tido contato conosco por duas vezes informando e conversando sobre o tema. Obviamente que a 5ª série de 1994 teoricamente seria uma 6ª série no ano de 1995. Tínhamos plena consciência de que a turma não seria a mesma, pois alguns alunos poderiam mudar de turma, de escola, serem reprovados, só para citar alguns exemplos.

Contudo, nossa surpresa foi maior do que esperávamos, pois, ao chegar, ficamos sabendo através de um dos professores de Educação Física que aquela turma praticamente não existia mais. Segundo o professor, de um total de 37 alunos matriculados no início do ano letivo de 1994, apenas oito chegaram ao final do ano com aprovação.

Estes, por sua vez, foram distribuídos em turmas diferentes, resultando na extinção daquela turma. Ainda segundo o professor - pelo menos naquela escola - é nas 5ª séries que se concentra o maior índice de evasão e repetência. A falta de objetivos concretos na vida, de perspectiva, de definição do que realmente desejam, atrelados ao fato de estarem na adolescência, são alguns dos motivos que, de acordo com o referido professor, contribuem efetivamente para o alto índice de evasão e fracasso escolar.

Diante do quadro acima descrito, achamos por bem realizar a coleta de dados com outra 5ª série, já que os professores seriam os mesmos.

Assim sendo, aplicamos o questionário em outra série composta por 34 alunos, sendo 23 do sexo masculino e 11 do feminino.

Por ser o primeiro contato com esta turma, explicitamos o objetivo do trabalho e nos apresentamos. Todos se prontificaram a responder o questionário. Em aproximadamente 20 minutos foram preenchidos e entregues, já os dos professores foram entregues no dia seguinte.

Como já foi dito anteriormente, algumas mudanças tinham sido processadas no questionário, tanto na supressão e (ou) inclusão de novas perguntas quanto na hierarquização do mesmo. Exemplo disso foi a inclusão de

novas perguntas aos alunos, relacionando especificamente a Educação Física X trabalho. Dados os devidos esclarecimentos, faremos a seguir uma análise dos resultados obtidos na escola intermediária, numa escola da periferia e em outra escola mais central, que denominaremos de extensão do experimento.

### 3. TERCEIRO CONTATO: EXTENSÃO DO EXPERIMENTO

#### 3.1. ANÁLISE DOS DADOS REFERENTE AOS ALUNOS

Como foi dito anteriormente, os dados analisados a seguir são das três escolas escolhidas como universo da pesquisa: escola intermediária, onde foi feito e reestruturado o questionário e estivemos por mais tempo; uma escola da periferia e uma outra escola do centro da cidade.

O número de alunos nas três escolas totaliza setenta e quatro, sendo quarenta e quatro homens e trinta mulheres.

A tabela abaixo nos mostra o início dos estudos destes alunos através da faixa etária.

**Tabela 9 - Idade de início dos estudos dos alunos.**

IDADE (anos)	Nº ALUNOS			TOTAL
	escola intermediária	escola periferia	escola centro	
5	04	-	03	07
6	08	-	12	20
7	15	21	04	40
8	03	-	-	03
9	-	-	-	-
10	02	-	-	02
mais de 10	02	-	-	02
<b>TOTAL</b>	34	21	19	74

A maioria das crianças - na faixa etária que vai dos seis aos sete anos - iniciaram seu processo de escolarização dentro da normalidade. Ao que tudo indica, pelo menos nesta parte do processo a condição sócio-econômica não influi no fato da criança começar a estudar.

E a idade destes alunos? Será que é semelhante ou o fato de serem de escolas localizadas em locais diferentes altera esse dado? Vejamos o que nos mostram os dados a seguir.

**Tabela 10 - Idade dos alunos.**

IDADE (anos)	Nº ALUNOS			TOTAL
	escola intermediária	escola periferia	escola centro	
10-12	04	07	09	20
13-15	05	10	08	23
16-19	20	04	02	26
20-23	-	-	-	-
24-27	03	-	-	03
mais de 27 anos	02	-	-	02
<b>TOTAL</b>	34	21	19	74

Diante dos números expostos percebe-se que uma quantidade considerável dos alunos ou são repetentes, tendo em vista a idade (porque uma criança que cursa a 5ª série normalmente tem entre dez e onze anos), ou abandonaram a escola por algum motivo voltando posteriormente. A faixa etária é semelhante, concentrando-se entre dez e vinte anos, e o fato de estarem geograficamente distantes uma das outras não modificou este aspecto.

Por sua vez, as respostas relativas aos motivos do abandono ou da interrupção dos estudos tem no trabalho uma das principais justificativas. As condições sócio-econômicas obrigam estes alunos a trabalharem para ajudar em casa, completando o orçamento. Mesmo aqueles que não interromperam os estudos foram reprovados, repetindo a 5ª série pelo menos duas vezes.

Apesar de uma situação difícil, os alunos conferem ao ato de estudar uma importância singular.

Vejamos o que dizem a esse respeito.

**Tabela 11 - Importância dos estudos para os alunos.**

IMPORTÂNCIA DOS ESTUDOS	Nº ALUNOS			TOTAL
	escola intermediária	escola periferia	escola centro	
• estudar é importante na vida de qualquer pessoa	06	01	01	08
• para uma vida melhor	07	05	06	18
• trabalho digno	06	05	06	17
• ser alguma coisa na vida	08	03	01	12
• para ler e escrever	02	-	-	02
• aprender para não ser burro	-	01	01	02
• porque tem conhecimentos	-	01		01
• não responderam o porquê	5	05	04	14
<b>TOTAL</b>	<b>34</b>	<b>21</b>	<b>19</b>	<b>74</b>

Com efeito, todos reconhecem a importância do ato de estudar, de ter que ir à escola, etc. Dentre esta importância destacam-se o fato de querer ser alguma coisa na vida, de querer ter uma vida melhor, um trabalho digno que é o mesmo que aspirar uma vida melhor, etc. Note-se aqui que, por trás destas respostas, encontra-se o fenômeno trabalho. Mesmo os alunos não tendo consciência desta questão, eles acreditam que estudando a vida pode ser melhor, o trabalho vai ser melhor, etc. Todavia, na forma de organização social vigente isto soa quase que como um sonho, uma utopia, o que não quer dizer que estudar não seja fundamental. É óbvio que sim: é no trabalho que o ser humano se realiza enquanto “ser”, enquanto “espécie”. É através do trabalho que o ser humano produz a si mesmo. O que não é a história humana senão a consequência do trabalho, da divisão e das relações contidas nele?

O aluno do ensino noturno, à sua maneira, sabe que mais conhecimento, mais estudos é igual a trabalho tido como mais leve, mais intelectualizado e

melhor remunerado. Sabe também que numa situação contrária o trabalho tende a ser extenuante e muito cansativo, numa perspectiva de esforço físico.

De que afinal se ocupam os alunos que estudam à noite?

O leque de trabalho continuará a ser diversificado como nos dados levantados no início da pesquisa?

O quadro abaixo vai nos responder a estas questões.

**Tabela 12 - Ocupação atual dos alunos.**

TRABALHO	Nº ALUNOS			TOTAL
	escola intermediária	escola periferia	escola centro	
• doméstica	11	05	03	19
• vendedor	04	01	02	07
• mecânico	02	01	-	03
• entregador	02	01	-	03
• pintor de carro	02	-	-	02
• pedreiro	02	01	-	03
• feirante	02	-	-	02
• marceneiro	01	01	-	02
• jardineiro	01	-	-	01
• eletricista	01	01	-	02
• office boy	-	02	-	02
• garçon	-	01	-	01
• babá	-	01	-	01
• borracheiro	-	01	-	01
• silkador	-	-	01	01
• não trabalham	-	-	13	13
• não respondeu	06	05	-	11
<b>TOTAL</b>	<b>34</b>	<b>21</b>	<b>19</b>	<b>74</b>

O leque de atividades como se observa é muito diversificado e muitas dessas atividades são de cunho temporário. Os homens na sua maioria são os que se ocupam destes trabalhos temporários. Já as mulheres, de 30 no total, 19 são domésticas, o que vem mostrar que o mercado de trabalho pelo menos aqui é restrito a elas. Como já mencionamos anteriormente, à mulher cabe a função de cuidar da casa e dos filhos numa sociedade ainda dominada pelos homens.

Na escola do centro observa-se entretanto, que a maioria dos alunos não trabalha, o que vem comprovar o que dissemos anteriormente de que os alunos que estudam no centro estão pelo menos num número considerável, dentro do processo de escolarização, além de na sua maioria não trabalhar, tendo como justificativa, entendemos nós, a sua condição sócio-econômica. Note-se que na escola intermediária e na escola da periferia o quadro se inverte. Um outro aspecto que chama a atenção é que as mulheres que trabalham são domésticas, o que vem corroborar que as mulheres se ocupam exclusivamente deste tipo de trabalho. O leque de trabalho para a mulher neste caso não existe.

Tanto os homens quanto as mulheres trabalham em média cerca de oito horas diárias com salários que vão de dois a três mínimos no quadro geral.

Neste sentido, as mulheres cuja ocupação principal é doméstica recebem bem menos do que os homens na média geral.

Depois de oito horas de trabalho, como será que estes alunos chegam à escola? Será que chegam com disposição para estudar, para concentrarem nas aulas? Como será que os alunos se percebem chegando na escola? A grande maioria entende que quando chegam para estudar estão cansados ou muito cansados. Atribui-se esta visão, logicamente, ao fato de os alunos trabalharem durante todo o dia em atividades que, via regra, provocam um grande desgaste não só físico mas também mental. Saem do serviço, pegam ônibus novamente e finalmente chegam à escola. De que forma, depois de toda esta luta diária, a escola e em especial a Educação Física deve ou pode trabalhar com este aluno?

Será que os alunos gostam do que fazem nas aulas de Educação Física?

A tabela a seguir nos oferece uma visão dos alunos acerca desta questão.



**Tabela 13** - Motivos para gostar do conteúdo desenvolvido nas aulas de Educação Física.

MOTIVO	Nº ALUNOS			TOTAL
	escola intermediária	escola periferia	escola centro	
• porque desenvolve	02	06	03	11
• porque é bom	03	01	02	06
• porque gosto	04	02	02	08
• bom para saúde	04	01	01	06
• é importante	02	02	01	05
• fazer exercícios	03	03	01	07
• legal	06	02	-	08
• distrair, relaxar	05	01	02	08
• não gostam	02	-	03	05
• não responderam	03	03	04	10
<b>TOTAL</b>	<b>34</b>	<b>21</b>	<b>19</b>	<b>74</b>

Praticamente a grande maioria foi taxativa ao responder que gostam da Educação Física e das atividades desenvolvidas, mas com respostas evasivas e subjetivas do tipo “É bom”, “É importante”, “É legal”, etc, num absoluto desconhecimento do que seja realmente Educação Física. O que se percebe é que o profissional de Educação Física, na sua prática pedagógica, não consegue passar conhecimento para este aluno que faça com que o mesmo seja útil no seu trabalho, na sua família, nas relações sociais vividas por este aluno e, especificamente, que colabore no entendimento e (ou) numa possível mudança da realidade onde vive. Com efeito, o aluno acaba por ter uma visão superficial e sem sentido da Educação Física, pois não vê utilidade dela fora da escola. A ligação do conhecimento com o mundo do trabalho é fundamental nesse aspecto.

Por exemplo, os alunos dizem que a Educação Física é importante no ensino noturno porque “distrai”, “porque descansa”, porque trabalha com o corpo, porque ensina a jogar um esporte, etc. Por que então não trabalhar com os alunos na perspectiva de que eles entendam sobre esta área do conhecimento e, posteriormente, alterar a situação durante o desenrolar do processo?

Observou-se que, em duas questões, arguidas ao aluno sobre se gostam do conteúdo desenvolvido e da importância da Educação Física no ensino noturno, as respostas foram idênticas. A maioria com um caráter evasivo e desprovido de reflexão.

Sabendo que o aluno do noturno trabalha, como já dissemos, 8 horas por dia, e que chega cansado para os estudos, será que a Educação Física que, de uma forma ou de outra, através do jogo, do lazer, da ginástica ou do esporte também não desgasta, também cansa, provoca fadiga, assim como no seu trabalho?

Como nas respostas anteriores, os alunos voltam a repetir que as aulas são divertidas, provocam relaxamento, etc, e por isso não se cansam. A atividade principal dos alunos está no fato de jogar. O jogo ou a prática de um esporte equivale a um momento de lazer, por isso o bem-estar que eles sentem. É como se as aulas de Educação Física servissem para um “descarrego de tensões”. Aqui entra o valor atribuído por eles à Educação Física quando acham que é bom, legal, distrai, relaxa, etc. Num primeiro momento porque muitos deles encaram as aulas realmente como algo agradável, como diz este aluno: “A aula de Educação Física é também para o divertimento do aluno”. Em outro momento porque muitos deles utilizam as aulas para se relaxarem depois do trabalho, dizendo que: “As aulas aliviam a tensão e o nervoso depois do trabalho”.

Após analisados estes dados, pode-se traçar algumas características do aluno do ensino noturno da quinta série da rede pública estadual de Uberlândia, quais sejam:

- de forma geral, este aluno é um trabalhador, e isto vale tanto para os homens quanto para as mulheres, havendo menor incidência apenas nas escolas centrais;
- o tipo de ocupação para o sexo feminino recai quase sempre sobre o trabalho doméstico, mas é bem diversificado no que diz respeito aos homens;
- a média de idade varia de 12 a 20 anos;

- estudam para melhorar de vida, para conseguir um trabalho melhor;
- a Educação Física tem para estes alunos a função de divertir, distrair, relaxar; e
- não concebem a Educação Física falando em teoria ou dada em sala de aula, pois segundo eles isto é tarefa das outras disciplinas.

Será que ao elaborar seu planejamento, o conteúdo, a metodologia, o professor de Educação Física do ensino noturno leva em consideração estas características?

Teremos mais elementos para responder a estas questões após a análise dos dados referentes aos professores das três escolas: a intermediária (onde foi feito acompanhamento e elaborado o questionário), a da periferia e a do centro.

## **4. EXTENSÃO DO EXPERIMENTO**

### **4.1. ANÁLISE DOS DADOS REFERENTE AOS PROFESSORES**

Assim como no caso dos alunos, os dados analisados são referente às três escolas: intermediária, periferia e do centro, num total de seis professores (apenas um não devolveu o questionário).

Na distribuição dos professores das três escolas por sexo, um é masculino e quatro são feminino. Todos foram formados pela UFU e já possuem uma relativa experiência no ensino noturno, como observamos abaixo:

**Tabela 14** - Experiência dos professores com o ensino noturno.

TEMPO (anos)	Nº PROFESSORES
1 a 3	02
3 a 5	01
acima de 9	02
<b>TOTAL</b>	<b>05</b>

Vê-se pelo tempo de atuação, que estes professores devem conhecer toda a problemática de que se reveste o ensino noturno e, conseqüentemente, têm suas definições e conceitos sobre a Educação Física neste contexto. Além de trabalhar à noite, todos os profissionais também atuam no ensino diurno, dobrando o número de aulas e, logicamente, ficando com dois cargos para que o salário seja duplicado. Apenas um cargo não é suficiente para manter um estrutura familiar, segundo estes professores. Alguns chegam a trabalhar nos três turnos: manhã, tarde e noite.

A despeito desta situação, será que o ensino noturno e o diurno, considerando a experiência destes professores, são semelhantes no que diz respeito aos alunos ou se dicotomizam como dissemos no início deste estudo?

As respostas, invariavelmente, vão de encontro à motivação, interesse e participação como fator de diferença, colocando a prática de um esporte como principal estímulo para o aluno do noturno. Um deles diz que:

**“O noturno exhibe e necessita basicamente da prática desportiva, pois é a única oportunidade que lhes é dada de fazê-lo...”**

No ensino noturno os alunos “são menos participativos, o próprio horário e o fator trabalho contribuem para isso”, respondeu outro. O que nos parece é que, pelo fato do aluno trabalhar, sua motivação e participação são reduzidas, mas, por outro lado, quando realizam a prática de um esporte, a motivação e a participação crescem. Os professores justificam este interesse de várias formas.

**Tabela 15** - Razões apresentadas pelos professores para justificar o interesse dos alunos pelas aulas de Educação Física.

MOTIVOS	Nº RESPOSTAS
• lazer	02
• gostam das aulas	02
• para competir	01
<b>TOTAL</b>	<b>05</b>

O lazer e o gostar das aulas estão, a nosso ver, ligados com a prática de um esporte, de preferência coletivo. E, dentro do esporte coletivo, existe uma separação na preferência de homens e mulheres. Os homens, pela popularidade do futebol de salão no Brasil preferem este, vindo em seguida o handebol e o basquetebol (quando existem tabelas). Já as mulheres, na sua maioria, preferem o voleibol, pois o contato corporal é bem reduzido se comparado com os outros esportes coletivos. Com efeito, o conteúdo para as mulheres acaba sendo limitado ou restrito ao voleibol. Pela tabela apresentada percebe-se que outros conteúdos inerentes à Educação Física não são trabalhados, tais como a iniciação sistematizada de uma modalidade esportiva, a dança, a ginástica etc, empobrecendo o campo de atuação dos professores e dos alunos.

Quais seriam as dificuldades que fazem com que a prática pedagógica no noturno seja restringida meramente ao jogo coletivo? Os professores apontaram algumas no quadro abaixo.

**Tabela 16** - Dificuldades indicadas pelos professores na sua prática pedagógica.

DIFICULDADES	Nº RESPOSTAS
• condições de trabalho: - recursos materiais e área física	01
• cansaço dos alunos	03
• resistência à atividade física	01
<b>TOTAL</b>	<b>05</b>

O cansaço dos alunos seria, portanto, a dificuldade central na condução do processo pedagógico. A fala de um deles ilustra esta preocupação: "... porque

pressupõe-se que iremos receber parte da clientela indisposta e cansada do trabalho para as aulas.” Uma outra resposta também é significativa para confirmar nossa análise. Ela diz que “... o aluno com oito horas de trabalho está sempre cansado e o planejamento sempre fura. Não se consegue trabalhar como se planejou...”. Vê-se que este profissional sabe das condições deste aluno-trabalhador mas sentimos, todavia, que há limitações no trato com esta questão e (ou) como lidar com ela. Apenas disse que o fato do aluno trabalhar não afeta sua prática pedagógica, afirmando que “... o aluno que trabalha necessita deste tempo de descontração...”.

Segundo a maioria dos professores, o fato do aluno trabalhar interfere no desenvolvimento do conteúdo porque ele chega cansado, desanimado e com uma grande resistência para fazer exercícios. Por isso as aulas acabam tendo um caráter mais de descanso, de distração e não uma prática sistematizada.

Diante deste quadro, como fica a avaliação destes alunos? Será que o desenvolvimento do que é dado é acompanhado? A tabela abaixo nos mostra as formas de avaliação dos alunos pelos professores.

**Tabela 17 - Forma de avaliação dos alunos pelos professores.**

<b>AVALIAÇÃO</b>	<b>Nº RESPOSTAS</b>
• por faltas	05
• por rendimento técnico	04
• por participação	01
• por disciplina	01
<b>TOTAL</b>	<b>11</b>

A legislação sobre a Educação Física, além de dispensar das aulas o aluno que comprova que trabalha, que serve o exército, que tenha prole, etc, também diz que o aluno só será reprovado na disciplina por faltas, isto é, em 100% o aluno pode ter no máximo 25% de ausência. As respostas dos professores, mesmo querendo fugir desta legalidade, avaliando o aluno por rendimento técnico, por participação e por disciplina, acaba no final se restringindo ao

número de faltas, por ser uma exigência da lei. Uns fingem que avaliam e outros fingem que aprendem. Será que não está na hora desta área do conhecimento, assim como a matemática, o português cobrar notas para passar de ano? CASTELLANI (1988), por exemplo, entende que esta seria uma alternativa.

A título de informação, a Educação Física no Estado de Minas Gerais está facultada no ensino noturno, isto é, o diretor ou diretora da escola é quem vai decidir se precisa ou não deste conteúdo.

Os conceitos e opiniões formuladas pelos professores nos permitem agora compor um quadro da Educação Física e do aluno-trabalhador sob alguns aspectos:

- os professores compreendem que o aluno do noturno é um aluno-trabalhador;
- a motivação, o interesse e a participação do aluno do noturno são mínimos em função do cansaço do trabalho;
- os alunos gostam de fazer nas aulas atividades em que prevaleça o jogo coletivo;
- os professores também postulam a idéia de que as aulas devem servir mais para distrair o aluno, para descansá-lo;
- os alunos não gostam de fazer atividades sistematizadas e nem exercícios físicos;
- a avaliação tem no percentual de faltas sua cobrança final, mesmo o professor criando alternativas diferentes; e
- os professores ainda não têm uma concepção crítica do que seja trabalho, das relações que se estabelecem nele, bem como da divisão social do mesmo, tanto na perspectiva do aluno-trabalhador quanto para eles próprios.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As mazelas e a depauperação a que está sendo submetida a educação no Brasil é pública e notória. Tanto no ensino diurno quanto no noturno os problemas se assemelham na sua maioria, mas se diferenciam em outros. Como pudemos constatar, a evasão, o fracasso escolar e a repetência estão presentes tanto num quanto no outro. Um outro aspecto semelhante é o de que professores que atuam no diurno também atuam no ensino noturno.

No entanto, alguns fenômenos que ocorrem no ensino noturno são completamente inexistentes no diurno. Exemplo disso é a faixa etária, que no noturno é bem mais alta, principalmente devido ao fator trabalho que é quase que uma exclusividade de quem estuda à noite. E foi tendo o trabalho como fenômeno mediador, que buscou-se relacioná-lo especificamente com a Educação Física, isto é, com o aluno-trabalhador.

Com efeito, a questão formulada pode ser assim definida: como a Educação Física lida com a categoria trabalho e a condição de trabalhador no aluno?

A partir disso foi constatado que merecem uma análise:

- a) a escola pública de modo geral não considera o trabalho e o aluno trabalhador ao estruturar e transmitir seus conteúdos;
- b) a escola também ainda não encontrou mecanismos que estabeleçam um elo de ligação com o que é transmitido, isto é, com o conhecimento veiculado e sua relação com o mundo do trabalho deste aluno;
- c) assim como a escola, particularmente a Educação Física desconsidera o trabalho e o aluno trabalhador na sua prática pedagógica;
- d) não é feita uma ponte entre o conhecimento transmitido pela Educação Física e o mundo do trabalho do aluno;



- d) não é feita uma ponte entre o conhecimento transmitido pela Educação Física e o mundo do trabalho do aluno;
- e) o conteúdo tem um caráter eminentemente prático, pobre também de reflexões acerca do mesmo.

Em relação à primeira questão, a escola não considera o trabalho e o aluno trabalhador porque este fenômeno não é discutido no interior da mesma, além de não fazer parte do currículo. O conteúdo já vem pronto, acabado e sistematizado, assim como no diurno. Tal postura equivale a tratar coisas desiguais como iguais. Neste sentido e em função desta situação, a escola não realiza uma ligação entre o saber disseminado com a realidade concreta do aluno trabalhador. Talvez os altos índices de fracasso escolar, evasão e repetência tenham respaldo nesta questão, como pode-se observar.

Mais especificamente, no que diz respeito à Educação Física, esta também não leva em conta o trabalho e o aluno trabalhador na sua prática pedagógica. Agravando ainda mais o quadro, a Educação Física, mesmo servindo o sistema, sofre investidas ferrenhas no noturno, ora diminuindo as possibilidades de trabalho nas séries iniciais, ora facultando sua prática no ensino noturno. De forma simplista, o trabalho só é lembrado nas entrelinhas, levando em consideração apenas o aspecto motor do aluno, como se a Educação Física não trabalhasse nos níveis cognitivo e afetivo. A natureza das atividades acaba, desta forma, voltada eminentemente para o lúdico, o relaxamento depois de oito horas de trabalho diário. Como dissemos anteriormente, o professor não leva em conta as condições do aluno que trabalha e não realiza, em função de tal postura, uma ligação do que é ensinado com o mundo do trabalho. Isto fica patente no conteúdo desenvolvido, que é centrado praticamente no esporte (coletivo).

De que maneira então fazer esta ponte? E sobre a questão da qualificação deste profissional, o que fazer?

Com efeito, para que esta ponte se realize é necessário que o profissional desta área tenha consciência crítica do fenômeno e conhecimento tal que o possibilite intervir nesta questão.

Desta forma, seria possível, tendo o movimento humano como centro das discussões e, ao mesmo tempo, como um meio e não como um fim em si mesmo, colaborar na formação de um aluno que retrate um perfil crítico, questionador e transformador, isto é, que seja sujeito e não objeto de sua história.

Que caminhos, quais alternativas pode-se propor tendo como referência o quadro supra citado? Uma delas, no nosso entendimento, é de que os Cursos de Licenciatura em Educação Física busquem através de uma reestruturação curricular, e com um corpo docente qualificado, traçar o perfil do profissional que se pretende formar, isto é, um profissional crítico e apto a atuar no mercado de trabalho. Em síntese, seria melhorar a qualidade dos cursos e, logicamente, dos futuros profissionais. Talvez, numa possível reestruturação curricular, fosse incluída uma disciplina voltada somente para o estudo do ensino noturno e que a categoria trabalho fosse debatida e discutida a fundo. É óbvio que o fenômeno trabalho deve ser alvo de análise em todo conteúdo ministrado nos cursos. O que se propõe contudo, é que a referida disciplina aprofunde de forma contundente o retrato do ensino noturno e do aluno trabalhador.

Ainda no que diz respeito à reestruturação do currículo, dever-se-ia observar o sentido da verticalidade e horizontalidade da distribuição das disciplinas, fazendo com que o currículo não seja para o aluno uma camisa de força, mas sim uma forma de alcançar o perfil traçado do futuro profissional.

Por que, todavia, criar uma disciplina que aborde com mais profundidade o ensino noturno? GUIMARÃES (1990, p.67):

**“A escola noturna deve ser repensada como um espaço de reelaboração da consciência do trabalhador nos dias atuais”.**

RIBEIRO (1992, p.79) partilhando desta opinião, completa:

**“Institucionalmente seria recomendável inserir conteúdo programático relativo ao mundo do trabalho”.**

As alternativas suscitadas - e disso temos consciência - não irão solucionar uma questão tão polêmica quanto é a do ensino noturno, ou mais especificamente, a Educação Física no seu interior, mas podem ser um alento para que mais profissionais da área voltem sua atenção para esta temática, tão carente de estudos.

## BIBLIOGRAFIA

- BARDIN, Laurence (1977). Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70.
- BETTI, Mauro (1991). Educação Física e sociedade. São Paulo: Educação e Movimento.
- BOLTANSKI, Luc (1979). As classes sociais e o corpo. Rio de Janeiro: Edições Graal.
- BRACHT, Valter (1992). Educação Física e aprendizagem social. Porto Alegre: Editora Marister Ltda.
- BRUHNS, Heloisa Turini (1989). Conversando sobre o corpo. 3ª ed. Campinas: Papirus.
- CAPORALINI, Maria Bernadete S.C. (1991). A transmissão do conhecimento noturno. São Paulo: Papirus.
- CARVALHO, Célia Pezzolo de (1982). A questão do ensino noturno. Educação e sociedade. ano IV, nº 13, dez, p.33-44.
- CASTELLANI FILHO, Lino (1988). Educação Física no Brasil: a história que não se conta. Campinas, São Paulo: Papirus.
- COLETIVO DE AUTORES (1992). Metodologia do Ensino da Educação Física. São Paulo: Editora Cortez.
- COSTA, Geni de Araújo (1991). Jogo como prática pedagógica: uma proposta educacional alternativa. São Paulo: PUC/SP (Dissertação de Mestrado).
- COSTA, Maria Tereza Amaral et alii (1992). A escola de 1º grau e o compromisso com o aluno trabalhador. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, Brasília, vol. 73, nº 175, set/dez, p. 567-612.
- DURKHEIM, Emile (1990). As regras do método sociológico. 14ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional.

- FARIA JR, Alfredo Gomes de (1987). Didática da Educação Física: formulação de objetivos. Rio de Janeiro: Editora Guanabara.
- FOUCAULT, Michel (1979). Microfísica do poder. 8ª ed. Rio de Janeiro: Graal.
- \_\_\_\_\_ (1987). Vigiar e punir. 7ª ed. Petrópolis: Vozes.
- FROMM, Erich (1983). Conceito Marxista do homem. 8ª ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- GUIMARÃES, Eloisa (1992). Conteúdo do ensino noturno: compreensão do real ou o avesso da realidade? Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. Brasília, vol. 73, nº 175, dez, p. 604-612.
- GUIMARÃES, Elizabeth da Fonseca (1990). O aluno trabalhador: das possibilidades de um cotidiano político à uma política para o cotidiano. (Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual de Campinas.
- KUENZER, Acácia Zeneida (1989). Pedagogia da fábrica - as relações de produção e a educação do trabalhador. São Paulo: Cortez.
- MARX, Karl e ENGELS, Friedrich (1989). A ideologia Alemã. São Paulo: Martins Fontes.
- MARX, Karl (1989). O capital: crítica da economia política. 13ª ed. Rio de Janeiro, vol. I.
- MEDINA, João Paulo Subirá (1983). A Educação Física cuida do corpo... e "mente". 2ª ed. São Paulo: Papirus.
- \_\_\_\_\_ (1987). O brasileiro e seu corpo. São Paulo: Papirus.
- MELLO, Guiomar Nammo de (1986). Da competência técnica ao conhecimento político. São Paulo: Cortez.
- MORAES, Carmen Sylvia Vidigal (1987) "Os cursos noturnos e a educação do trabalhador" In: FISCHMANN, Roseli. Escola Brasileira: Temas e estudos. São Paulo: Atlas, p.132-143.

- OLIVEIRA, Fernando Antônio de (1986). Escola noturna em Uberlândia: pesquisa e ação. Caderno CEDES. São Paulo: Cortez, n° 16, p. 20-28.
- PAULA, Maria de Fátima Costa de (1991). O poder disciplinar da Escola sobre o corpo. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Fluminense.
- PONTY, Maurice Marleau (1971). Fenomenologia da percepção. Rio de Janeiro e São Paulo: Livraria Freitas Bastos.
- RESENDE, Márcia Maria Spyer (1987). O ensino da Geografia na escola noturna. 1° Encontro Nacional de Ensino de Geografia UNB. 21/24, jul, p. 54-57.
- RIBEIRO, Betânia de Oliveira Laterza (1992). Estudo Fenomenológico do Ensino-Aprendizagem na escola noturna: casuística de evasão e repetência. (Dissertação de Mestrado). UFU/ Uberlândia.
- ROMERO, Elaine (1993). O corpo do século XVIII. Ensaio: Educação Física e esporte. U.F.E.S. vol. I. p. 141-186.
- SANTIN, Silvino (1987). Educação Física: uma abordagem filosófica da corporeidade. Ijuí: Livraria Unijuí.
- SARUP, Madan (1980). Marxismo e Educação. Rio de Janeiro: Ed.Guanabara.
- SGUISSARDI, Valdemar et alii (1992). Ensino noturno: desconhecimento do trabalho e novos desafios. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. Brasília, v.73, n° 173, p. 30-62.
- VARGAS, Ângelo L.S. (1990). Educação Física e o corpo: a busca da identidade. Rio de Janeiro: Sprint.

# ANEXOS

## ANEXO 1: QUESTIONÁRIO DO ALUNO

Caro(a) Aluno(a),

O presente trabalho tem como objetivo colher dados sobre o ensino noturno. Sua opinião é para nós de grande importância. As informações obtidas neste questionário serão mantidas em sigilo absoluto.

Certo de poder contar com sua colaboração, agradeço.

Atenciosamente,

*Prof. Antulho Rosa Pedroso*  
Aluno do Programa de Mestrado  
em Educação Brasileira da UFU



**PERFIL DO ALUNO:**

01 - Sexo:

Masculino

Feminino

02 - Você é?

Solteiro (a)

Casado (a)

Desquitado (a)

Divorciado (a)

Viúvo (a)

Outros

03 - Sua idade varia entre:

10 a 15 anos

15 a 20 anos

20 a 25 anos

25 a 30 anos

acima de 30 anos

**ESCOLARIDADE:**

04 - Com que idade começou a estudar?

---

---

05 - Interrompeu os estudos alguma vez?

Sim

Não

Por quê? \_\_\_\_\_

06 - Você acha que estudar é importante?

Se respondeu **SIM** - diga por quê?

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

### **SITUAÇÃO SÓCIO-ECONÔMICA:**

07 - A casa onde mora é?

Alugada

Própria

Financiada

08 - Você possui na casa onde mora ou na família:

Fogão à gás

Geladeira

Aparelho de Som

Televisão

Video-Cassete

Bicicleta

Moto

Carro

09 - Quanto você ganha em média por mês na sua atividade?

- de 1 a 2 salários
- de 2 a 3 salários
- de 3 a 4 salários
- de 4 a 5 salários
- acima de 5 salários

## TRABALHO

10 - Ocupação atual:

- Garçom
- Vendedor
- Auxiliar do lar
- Servente de pedreiro
- Outras (Qual) \_\_\_\_\_

11 - Quantas horas você trabalha por dia?

- 4 horas
- 6 horas
- 8 horas
- 10 horas
- Acima de 10 horas

12 - Depois do trabalho você chega na escola:

Cansado (a)

Muito cansado (a)

Em condições de estudar

### **DADOS SOBRE A EDUCAÇÃO FÍSICA:**

13 - Você gosta das atividades desenvolvidas nas aulas de Educação Física?

Sim

Não

Por quê? \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

14 - Na sua opinião a Educação Física é importante no ensino noturno?

Sim

Não

Se respondeu SIM ou NÃO diga porquê.

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

15 - As aulas de Educação Física cansam você tanto quanto o seu trabalho?

Sim

Não

Por quê? \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

## ANEXO 2: QUESTIONÁRIO DO PROFESSOR

Caro colega,

O presente estudo tem como objetivo colher dados sobre o ensino noturno. Sua opinião será nos de grande importância no sentido de juntos lutarmos por uma política mais justa para a educação. As informações registradas neste questionário serão mantidas em absoluto sigilo.

Certo de poder contar com sua atenção, agradeço.

Atenciosamente,

*Prof. Antulho Rosa Pedroso*  
Aluno do Programa de Mestrado  
em Educação Brasileira da UFU

01 - Sexo:

Masculino

Feminino

02 - Você é?

Casado (a)

Solteiro (a)

Desquitado (a)

Divorciado (a)

Viúvo (a)

Outros

03 - Formação acadêmica:

3.1. Ano em que formou: \_\_\_\_\_

3.2. Onde? (qual instituição): \_\_\_\_\_

3.3. Tempo de experiência no magistério:

1 a 3 anos

3 a 5 anos

5 a 7 anos

7 a 9 anos

9 a 11 anos

11 a 13 anos

acima de 15 anos

3.4. Fez especialização na área?

Sim

Não

Por quê? \_\_\_\_\_

3.5. Possui outra formação?

Sim

Não

Se respondeu SIM, em qual área? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

04 - Trabalha no ensino noturno a quanto tempo?

1 a 3 anos

3 a 5 anos

5 a 7 anos

7 a 9 anos

acima de 9 anos

05 - Além do ensino noturno, trabalhou ou trabalha no ensino diurno?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

06 - Em caso afirmativo, quais as diferenças entre o ensino noturno e o diurno?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

## DADOS SOBRE A EDUCAÇÃO FÍSICA:

07 - Na sua opinião, os alunos gostam das atividades desenvolvidas nas aulas de Educação Física:

Sim

Não

Por quê? \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

08 - O que mais gostam de fazer nas aulas?

Correr

Fazer ginástica

Esporte coletivo

Outros

Explique o item assinalado:

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

09 - Existem dificuldades em trabalhar com os alunos do noturno?

Sim

Não

Quais?

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_



10 - Na sua opinião o fato do aluno trabalhar 8 (oito) horas por dia altera o relacionamento Professor x Aluno e o planejamento na Educação Física de forma geral?

Sim

Não

Se respondeu SIM ou NÃO esclareça o como e o por quê?

---

---

11 - Os alunos são avaliados no decorrer do ano letivo?

Faltas

Prova prática

Prova teórica

Outros

Explique o item assinalado: \_\_\_\_\_

---

---

12 - Você atualmente é filiado(a) a alguma Associação ou Sindicato ligado a sua área de atuação?

Sim

Não

Se respondeu SIM explicita qual o(s) motivo(s) que o levaram a tal atitude?

---

---

---

**SUGESTÕES:**

---

---

---

---

---

---

## **ANEXO 3: A LEGISLAÇÃO BRASILEIRA SOBRE EDUCAÇÃO FÍSICA**

Com a aprovação em 1961, da lei 4.024, o governo federal fixou as diretrizes e bases da educação nacional (LDB). O artigo 22 contemplava a obrigatoriedade da prática da Educação Física nas escolas: “será obrigatória a prática da Educação Física em todos os níveis e ramos da escolarização, com predominância no ensino superior”.

Dez anos depois, em 1971, foi aprovada a nova LDB, restrita ao ensino de 1º e 2º graus, através da lei 5.692, que no seu artigo 7º dizia: “será obrigatória a inclusão de Educação Moral e Cívica, Educação Física, Educação Artística e Programas de Saúde nos currículos plenos dos estabelecimentos de 1º e 2º graus (...)”. A lei 5.692/71 foi aprovada em 11 de agosto. Em 1º de novembro do mesmo ano, o então Presidente, Emílio Garrastazu Médici, por intermédio do Ministro da Educação, Jarbas G. Passarinho, assinou o decreto nº 69450, que regulamenta até o presente momento, o artigo 22 da lei 4.024/61 e o artigo 7º da lei 5.692/71.

Este decreto será transcrito integralmente a seguir:

### **TÍTULO I**

#### **DO RELACIONAMENTO COM A SISTEMÁTICA DA EDUCAÇÃO NACIONAL**

Art. 1º - A Educação Física, atividade que, por seus meios, processos e técnicas, desenvolve e aprimora forças físicas, cívicas, psíquicas e sociais do

educando, constitui um dos fatores básicos para a conquista das finalidades da educação nacional.

Art. 2º - A Educação Física, desportiva e recreativa integrará, como atividade escolar regular, o currículo dos cursos de todos os graus de qualquer sistema de ensino.

## TÍTULO II

### DA CARACTERIZAÇÃO DOS OBJETIVOS

Art. 3º - A Educação Física, desportiva e recreativa escolar, segundo seus objetivos, caracterizar-se-á:

I - No ensino primário, por atividades físicas de caráter recreativo, de preferência as que favoreçam a consolidação de hábitos higiênicos, o desenvolvimento corporal e mental harmônico, a melhoria da aptidão física, o despertar do espírito comunitário, da criatividade, do senso moral e cívico, além de outras que concorram para completar a formação integral da personalidade.

II - No ensino médio, por atividades que contribuam para o aprimoramento e aproveitamento integrado de todas as potencialidades físicas, morais e psíquicas do indivíduo, possibilitando-lhe, pelo emprego útil do tempo de lazer, uma perfeita sociabilidade à conservação da saúde, o fortalecimento da vontade, a aquisição de novas habilidades, o estímulo às tendências de liderança e implantação de hábitos sadios.

III - No nível superior, em prosseguimento à iniciada nos graus precedentes, por práticas, com predominância de natureza desportiva, preferentemente as que conduzam à manutenção e aprimoramento da aptidão física, à conservação da saúde, o fortalecimento da vontade, a aquisição de novas

habilidades, o estímulo às tendências de liderança e implantação de hábitos saudáveis.

§ 1º A aptidão física constitui a referência fundamental para orientar o planejamento, controle e avaliação da Educação Física, desportiva e recreativa, no nível dos estabelecimentos de ensino.

§ 2º A partir da quinta série de escolarização, deverá ser incluída na programação de atividades de iniciação desportiva.

§ 3º Nos cursos noturnos de ensino primário e médio, a orientação das atividades físicas será análoga à do ensino superior.

### TÍTULO III

#### DOS CURRÍCULOS

Art. 4º - A adequação curricular aos objetivos a serem alcançados em cada unidade escolar, ou conjunto de unidade sob direção única, será realizada anualmente por intermédio de um plano, considerando-se os meios disponíveis e as peculiaridades dos educandos.

§ 1º A elaboração e a execução do plano de que trata este artigo serão da responsabilidade do diretor e dos professores de Educação Física Fórum estabelecimento.

§ 2º No ensino superior, o corpo discente participará de planificação das atividades por meio de representação da associação atlética respectiva.

## TÍTULO IV

### ORGANIZAÇÃO E FUNCIONAMENTO

#### CAPÍTULO I

##### PADRÕES DE REFERÊNCIA

Art. 5º - Os padrões de referência para orientação das normas regimentais da adequação curricular dos estabelecimentos, bem como para o alcance afetivo dos objetivos da Educação Física, desportiva e recreativa, são situados em:

I - Quanto à seqüência e distribuição semanal, três sessões no ensino primário e no médio e duas sessões no ensino superior, evitando-se concentração de atividades em um só dia ou em dois consecutivos;

II - Quanto ao tempo disponível para cada sessão, não incluindo o período destinado à preparação dos alunos para as atividades.

III - Quanto à composição das turmas, 50 alunos do mesmo sexo, preferencialmente, selecionados por níveis de aptidão física.

IV - Quanto ao espaço útil, dois metros quadrados por aluno, no ensino médio e no superior.

## CAPÍTULO II

### COMPENSAÇÃO E CONTROLE

Art. 6º - Em qualquer nível de todos os sistemas de ensino é facultativa a participação nas atividades físicas programadas:

- a) aos alunos do curso noturno que comprovarem, mediante carteira profissional ou funcional, devidamente assinadas, exercer emprego remunerado em jornada igual ou superior a seis horas;
- b) aos alunos maiores de trinta anos de idade;
- c) aos alunos que estiverem prestando serviço militar na tropa;
- d) aos alunos amparados pelo Decreto-lei nº 1044 de 21 de outubro de 1969, mediante laudo do médico assistente do estabelecimento.

Art. 7º - A realização de qualquer forma de competição desportiva e recreativa não deverá prejudicar as atividades de natureza essencialmente formativa.

Art. 8º - O treinamento desportivo, para atender às necessidades profissionais de universitário vinculado a clube, poderá, a critério da direção do estabelecimento respectivo, ser considerado válido para cumprimento das exigências legais.

Parágrafo único - A compensação a que se refere o presente artigo não exime o aluno de testes, provas e outros meios de controle e avaliação previstos pela programação do estabelecimento.

Art. 9º - A participação de estudantes de qualquer nível de ensino em competições desportivas oficiais, de âmbito nacional ou internacional, bem como em suas fases preparatórias, será considerada atividade curricular, regular, para efeito de assiduidade em Educação Física.

Art. 10º - A orientação educacional constituirá alternativa para as ocasiões de impossibilidade de utilização de áreas ao ar livre, sendo atribuição do

professor de Educação Física a abordagem da problemática de saúde, higiene e aptidão física, resguardadas as peculiaridades regionais e dos graus do ensino.

Art. 11º - O Ministério da Educação e Cultura, por intermédio do órgão competente, estabelecerá e divulgará convenientemente os testes de aptidão física, com a finalidade de orientar os estabelecimentos e acompanhar a evolução das possibilidades dos recursos humanos nacionais.

Parágrafo único - Os estabelecimentos são responsáveis pelo registro e arquivamento dos resultados dos testes na previsão de posterior solicitação de informações pelos competentes.

Art. 12 - Os alunos de qualquer nível serão submetidos a exame clínico no início de cada ano letivo, e sempre que Fórum julgado necessário pelo médico assistente da instituição, que prescreverá o regime de atividades convenientes se verificada a anormalidade orgânica.



## CAPÍTULO III

### ENSINO SUPERIOR

Art. 13 - A prática da Educação Física no ensino superior será realizada por meio de clubes universitários, criados segundo modalidades desportivas, ou atividades físicas afins, na conformidade das instalações disponíveis, os quais se filiarão à associação atlética da respectiva instituição.

§ 1º - Os clubes de que trata este artigo, administrativamente dirigidos pelos estudantes, desenvolverão atividades físicas supervisionadas pelos professores de Educação Física por meio das quais os universitários saldarão os créditos a que estiverem obrigados.

§ 2º - Ao matricular-se em universidade ou em escola isolada, o universitário filiar-se-á ao clube ou clubes de sua preferência.

§ 3º Por deliberação exclusiva dos próprios associados, associados, cada clube poderá instituir taxa módica para melhorar das instalações e desenvolvimento das atividades e representações.

Art. 14 - Nas universidades onde houver escola de Educação Física, o professor de Educação Física será assessorado pelos alunos desta, em caráter de prática de ensino; nas demais e nos estabelecimentos isolados, por tantos monitores universitários julgados necessários.

Art. 15 - Os professores de Educação Física serão admitidos no ensino superior na forma e categorias previstas no Estatuto do Magistério Superior, a cujo regime ficarão sujeitos.

Art. 16 - O órgão de direção desportiva, pertencente à estrutura administrativa das organizações universitárias, será orientado pela unidade de ensino de Educação Física, quando existente.

§ 1º A função precípua do órgão de direção desportiva universitária é a de incentivar, além das práticas programadas nos clubes, os campeonatos, torneios,

competições de representação e intercâmbio, demonstrações e excursões desportivas de caráter formativo.

§ 2º Facilitar-se-á a participação do corpo docente do ensino superior nas atividades de programação interna ou externa.

## TÍTULO V

### DA IMPLANTAÇÃO

Art. 17 - Os estabelecimentos de ensino, para o exato cumprimento das disposições deste decreto, deverão assegurar aos alunos do ensino primário e médio assistência médica e odontológica, instalações, equipamento e material necessários à execução do programa.

§ 1º Enquanto não dispuser do equipamento e material a que se refere este artigo, cada estabelecimento, ou a autoridade competente para o caso, celebrará convênio com clube, corporação militar ou a entidade mais próxima que os possuir.

§ 2º As instituições de ensino referidas no artigo que, na data de vigência deste decreto, já contarem com os meios materiais exigidos, elaboração programa de colaboração com as deles carentes, até que estas os possam adquirir, isolada ou conjuntamente.

§ 3º Não poderão receber benefício do Governo as entidades educacionais que, dispondo de capacidade ociosa, se negarem a firmar convênios destinados ao cumprimento da presente regulamentação.

Art. 18 - Os órgãos oficiais incumbidos da concessão de bolsas de estudo deverão dar prioridade aos alunos de qualquer nível, que se sagrarem campeões

desportivos, na área estadual, nacional e internacional, desde que tenham obtido aproveitamento escolar compatível.

Art. 19 - Em todos os estabelecimentos de ensino superior, integrados ou não em universidade, a implantação da Educação Física, desportiva e recreativa será progressiva, a partir do primeiro ano escolar imediatamente posterior ao início da vigência deste Decreto.

Parágrafo único - Não será vedada a participação de universitários cujo ato de primeira matrícula ocorreu anteriormente a esta regulamentação, tanto na elaboração quanto na execução dos programas de atividades por ela reguladas.

Art. 20 - As instituições de ensino superior quer oficiais, quer particulares, aproveitando as facilidades proporcionadas pelo Governo Federal, programarão a construção das instalações e a aquisição do material de Educação Física por etapas, iniciando pelo que for prioritário e abranja maior número de estudantes, de modo que em seis anos já estejam em condições de desenvolver, de modo pleno, os objetivos da presente regulamentação.

## TÍTULO VI

### DOS RECURSOS FINANCEIROS

Art. 21 - As verbas federais do setor da Educação Física escolar, inclusive as provenientes da Loteria Esportiva, deverão ter destinação condicionada a programas e projetos de desenvolvimento, com referência aos objetivos e demais exigências da presente regulamentação.

§ 1º - A participação financeira federal nos programas e projetos de Educação Física escolar será sempre supletiva, sendo obrigatória a celebração de convênio em que constem os objetivos e meios de avaliação dos resultados a alcançar.

§ 2º - Os convênios referidos no parágrafo anterior serão orientados pelos órgãos competentes no sentido do entrosamento e da intercomplementariedade dos estabelecimentos de ensino entre si ou com outras instituições sociais, a fim de aproveitar a capacidade ociosa de uns para suprir deficiência de outros.

Art. 22 - Nenhuma verba destinada a Centro de Educação Física de Loteria Esportiva ou de outra procedência do Governo Federal será concedida a instituição oficial de ensino superior que não fizer previsão, anualmente, no orçamento, de recursos para o desenvolvimento do plano de Educação Física, desportiva e recreativa.

Parágrafo único - A proibição deste artigo estender-se-á a todo estabelecimento particular de ensino que não comprovar a destinação de meios financeiros para o atendimento das exigências legais.

Art. 23 - Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação, ficando revogadas as disposições em contrário.

Brasília, 1º de novembro de 1971; 150º da Independência e 83º da República.

Em 13 de dezembro de 1977, o Presidente Ernesto Geisel, através do decreto aprovado no Congresso Nacional, sancionou a lei nº 6.503, que se referia a prática de Educação Física em todos os graus e ramos do ensino. Na verdade, esta lei, ampliou e modificou alguns quisitos do artigo 6º do decreto 69.450/71. Esta lei também será transcrita a seguir:

Art. 1º - É facultativa a prática da Educação Física em todos os graus e ramos de ensino:

- a) ao aluno do curso noturno que comprove exercer atividade profissional, em jornada igual ou superior a 6 (seis) horas;
- b) ao aluno maior de 30 (trinta) anos de idade;
- c) ao aluno que estiver prestando serviço militar inicial ou que, em outra situação, comprove estar obrigado à prática de Educação Física na organização militar em que serve;

d) ao aluno amparado pelo Decreto-Lei nº 1.044, de 21 de outubro de 1969;

e) ao aluno de curso de pós-graduação; e

f) à aluna que tenha prole.

Art. 2º - Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação.

Art. 3º - Revogam-se as disposições em contrário.

Até aqui, foram transcritas as legislações vigentes na área de Educação Física, no âmbito federal. Em 02 de dezembro de 1987, o Conselho Estadual de Educação de Minas Gerais, através da resolução nº 362, fixou normas para organização dos currículos plenos dos estabelecimentos de ensino regular de 1º e 2º graus; nos seus artigos 4 e 5, diziam:

Art. 4º - “É obrigatório, ainda, a inclusão nos currículos plenos dos estabelecimentos de ensino regular de 1º e 2º graus de

1 - Educação Física (...)

Art. 5º - “A Educação Física será ministrada em todas as séries ou períodos letivos de 1º e 2º graus, conforme o regime adotado, observando-se o mínimo de 2 (duas) sessões semanais com a duração de 50 minutos cada uma.

Parágrafo único - Nas quatro primeiras séries do 1º grau, a duração de cada sessão de Educação Física poderá ser reduzida para até 30 (trinta) minutos, de acordo com o plano pedagógico do estabelecimento de ensino.

Após a promulgação da constituição federal em 1988, tornou-se necessário a revisão de algumas questões nacionais. Na área de educação, iniciaram-se estudos para elaboração de uma nova LDB, em 1993, a Câmara dos Deputados concluiu a votação desta iniciada em novembro de 1992; sendo que esta nova LDB, ainda será submetida ao Senado. Durante quase 5 anos (1988-93), o projeto recebeu, no âmbito da Comissão de Educação, 923 emendas e; em plenário, outras 1264. Entre seus pontos principais estão o estabelecimento do princípio da gestão democrática no sistema educacional a ser definido nos estatutos de cada

escola (inclusive particulares) com a participação da comunidade, de professores, alunos e trabalhadores.

O Conselho Federal de Educação passa a se chamar Conselho Nacional de Educação, com metade de seus 24 integrantes indicados pelas entidades civis ligadas à educação (inclusive professores e alunos).